



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MAMADÚ BALDÉ

**BISSAU – A CIDADE, O COMÉRCIO E A CULTURA:
AS MULHERES *BIDERAS* NO CONTEXTO SOCIAL GUINEENSE**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

MAMADÚ BALDÉ

**BISSAU – A CIDADE, O COMÉRCIO E A CULTURA:
AS MULHERES *BIDERAS* NO CONTEXTO SOCIAL GUINEENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab como requisito básico obrigatório para conclusão da Graduação no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

B147b

Baldé, Mamadú.

Bissau : a cidade, o comércio e a cultura : as Mulheres Bideras no contexto social guineense / Mamadu Balde. - 2019.

64 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Inclui glossário.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza.

1. Bissau - Na cultura popular. 2. Mulheres Bideiras. 3. Mercado de trabalho - Bissau.
4. Trabalhadoras - Bissau. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 305.409665

MAMADÚ BALDÉ

**BISSAU – A CIDADE, O COMÉRCIO E A CULTURA:
AS MULHERES *BIDERAS* NO CONTEXTO SOCIAL GUINEENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro Brasileira – Unilab como requisito básico obrigatório para conclusão da Graduação no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Data de aprovação: 30/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Ismael Tcham

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Maria Andréa dos Santos Soares

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

À família Baldé, meu pai, Serifo Baldé; minha mãe, Adama
Candé; aos meus irmãos, Djenabu Dua Baldé, Tchern Uri
Baldé, Bacar Demba Baldé e Aissatu Baldé.

Às Bideras vítimas do acidente de aviação Bissorã, 2018.

AGRADECIMENTOS

A vida é como uma caixinha de surpresas os cinco anos longe da família e ente queridos passaram. Foi um processo de muita coragem e determinação para desafiar essa jornada ardente de vir estudar no estrangeiro. Mesmo sabendo que não ia ser fácil, longe da família, num lugar totalmente diferente da meu. Mas que foi uma ótima experiência de vida, conhecer pessoas, sentir as pessoas, conhecer lugares e mais espaço de troca e interação.

Por esta razão sempre o sentido de voltar para minha terra nunca saiu de mim. Toda vez que estava sozinho ou na companhia de amigos de algum momento para outro alguma coisa da minha terra passava na minha cabeça. O que acaba(va) me deixando muitas das vezes triste devido com algumas lembranças. Outras vezes, algumas das lembranças boas me torna(va)m feliz, acabando em gargalhadas, o que me anima(va). Por isso, agradeço à minha Mãe, Adama Candé, a mais bela constelação de toda galáxia; ao meu pai, Serifo Baldé, do seu conselho que não cessa que me animar e acalmar minha alma afim de puder crescer ainda mais. Aos meus irmãos que sempre estiveram por perto, dando puxão de orelha e pela brilhante contribuição da minha mana Djenabu Baldé, com aquele olhar, carinho e amor que só ela tem. À todas mulheres Bideras da Guiné Bissau pela fantástica contribuição que têm feito em assegurar o sustento dos seus filhos e da sua família no geral. Aos próprios filhos/as das bideras, vocês são vencedores/ras.

Este agradecimento vai para tio Fernando Gomes. Aos amigos e conhecidos de Bairro de Ajuda (Baixada). Aos meus primos, Ibraima Fali Baldé e Amadu Baldé. Aos colegas da Unilab, especialmente da primeira turma (2014.1), pelos momentos de adaptação.

Não podia terminar sem mencionar meus profundos agradecimentos a Direção do Campus dos Malês. Estendendo aos professores do Campus em geral pelo carinho e afeto, e pela paciência que souberam lidar com as diferenças. Aos servidores, técnicos e demais. À comunidade de São Francisco de Conde pela estada e contribuição neste percurso.

Destaco a valiosa contribuição da minha orientadora, professora/doutora, Cristiane Santos Souza, pessoa com quem labutamos desde os primeiros momentos da primeira turma e pelo êxito na elaboração deste trabalho, de igual modo meu profundo agradecimento pela confiança que teve em mim e aceitar a proposta de ser minha orientadora.

Bissau são jangadas que possuem linguagem própria, percebem igualmente o vento que sopra, as novas ideias que circulam e se vão infiltrando nos mares longos e insubmissos (Augel, 1997).

RESUMO

Este trabalho aborda a historicidade da região Bissau, as práticas comerciais presente no cotidiano urbano, as mulheres *Bideras* e como ocorre apropriação destes espaços para usos diversos de novas possibilidades, co-relação a frequentadores destes espaços comerciais. Sendo estas atividades de comercio emprestam marcante fisionomia à paisagem citadina cultural a capital Bissau. Objetivando analisar especificamente a região de Bissau, como esses espaços de troca, a nível social, cultural, á transgressão funcional destes espaços comerciais. Também analisar o lugar espaço social das Mulheres Bideras, nas suas representações como geradora da forte tradição comercial, imprescindíveis ao cotidiano das populações, que delineiam perfis para as mercadorias e os serviços prestados, como fonte essencial de explicação para o entendimento do contexto sociocultural da cidade. Cujo objetivo geral é compreender o papel das mulheres *bideras* na dinâmica econômica e social da Guiné-Bissau e seus lugares na sociedade guineense. Sendo assim, foi possível a realização deste trabalho metodologicamente usando revisão bibliográfica, seleção, leitura e fichamento de artigos, teses e dissertações sobre a temática. Como coletar dados estatísticos. Também foram coletados e produzidos dados e informações junto as pessoas envolvidas no comércio informal de Bissau, a partir da realização de entrevistas. Chegando ao resultado final de como o fator social, econômico guineense é possível descrever olhando para estas vivencias, protagonismo, estratégias de vida e suas influências que possibilitam o exercício de várias atividades participativa logicas e práticas no processo de inserção social e cultural.

Palavras-chave: Bissau - Na cultura popular. Mercado de trabalho - Bissau. Mulheres Bideiras. Trabalhadoras - Bissau.

ABSTRACT

This paper addresses the historicity of the Bissau region, the commercial practices present in urban daily life, the Bideras women and how these spaces are appropriated for different uses of new possibilities, co-relation with those who frequent these commercial spaces. Being these activities of commerce lend remarkable physiognomy to the cultural city landscape to the capital Bissau. Aiming specifically to analyze the region of Bissau, as these spaces of exchange, at social, cultural level, the functional transgression of these commercial spaces. Also analyze the place social space of Women Bideras, in their representations as generating the strong commercial tradition, indispensable to the daily lives of the populations, which outline profiles for the goods and services provided, as an essential source of explanation for understanding the sociocultural context of the city. Whose overall objective is to understand the role of women leaders in Guinea-Bissau's economic and social dynamics and their place in Guinean society. Thus, it was possible to carry out this work methodologically using literature review, selection, reading and filing of articles, theses and dissertations on the subject. How to collect statistical data. Data and information were also collected and produced from people involved in the informal trade of Bissau, through interviews. Reaching the final result of how the Guinean social and economic factor can be described by looking at these experiences, protagonism, life strategies and their influences that enable the exercise of various logical and practical participatory activities in the process of social and cultural insertion.

Keywords: Bissau - In popular culture. Job market - Bissau. Women Bideiras. Working women - Bissau.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Caracterização do perfil das interlocutoras	13
Figura 1	De pessoas e coisas em movimento Av. Combatentes de Liberdade da Pátria	21
Figura 2	(Feira de Tambarina). Cores dos produtos, cortes do mercado	29
Figura 3	É Bissau que se amanhece entre passos que fazem o Bandim	32
Figura 4	Contemplando sonhos, pessoas, lugares, tempos e paisagens (Mercado <i>purtu canua</i>)	37
Figura 5	Semânticas de convivência entre natural, o cultural e o espiritual	55

LISTA DE SIGLAS

A.M.A.E - Associação das Mulheres de Atividades Económicas

AFCM - Agregados Familiares chefiados pelas Mulheres

BM - Banco Mundial

DENARP - Documento Estratégico Nacional da Redução de Pobreza

FMI - Fundo Monetário Internacional

FENACAB - Federação Nacional de Culto Afro-Brasileiro

INEC - Documento Instituto Nacional de Estatística e Censo

ILAP - Inquérito Ligeiro para Avaliação da Pobreza

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPAC - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

PAE - Programa de Ajustamento Estrutural

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CAPÍTULO I: O CONTEXTO ECONÔMICO E SOCIAL DO PAÍS	15
3	CAPÍTULO II: AS MULHERES BIDEIRAS: OS DESAFIOS VIVÊNCIAS, REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS	23
3.1	MULHERES NA SOCIEDADE GUINEENSE	23
4	CAPÍTULO III ATIVIDADE INFORMAL, DEFININDO BARREIRAS, BUSCANDO O INVISÍVEL	36
4.1	MOTIVOS DO COMÉRCIO FEMININO (BUSCA <i>BIDA</i>)	36
4.2	BUSCA BIDA EM BISSAU: NARRATIVA TÃO VIVA E VIVIDA, CAMINHOS E SOLUÇÕES	41
5	CAPÍTULO IV: MANDJUANDADIS, ASSOCIATIVISMO, ABOTA, INVENTÁRIOS CULTURAIS FEMININO	46
5.1	SENTIDO DE MANDJUANDADIS E ABOTA	53
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	60
	GLOSSÁRIO	62

1 INTRODUÇÃO

Em Bissau, capital de Guiné Bissau, as práticas comerciais sempre estiveram presentes no cotidiano urbano, como se verifica em outras cidades africanas e no mundo em geral. O comércio informal ou de rua, ao mesmo tempo em que constitui um dos aspectos mais marcantes do dia a dia da cidade encontra-se presente desde os primórdios, construindo a trama complexa das relações sociais.

Na região de Bissau esses espaços de troca atingem a qualquer um que seja, mulher, criança, jovem, não importando o *status* político, social ou cultural que tenha a pessoa. Deste modo, as transgressões funcionais destes espaços comerciais se tornaram território de convívio social, práticas que constituem relações de aprendizagem, pertencimento cultural e afirmação familiar. Desta forma, a apropriação destes lugares para usos diversos abre novas possibilidades, fazendo com que as relações entre os frequentadores homens e mulheres deles exorbitem a compra e a venda de mercadorias.

As atividades de comércio emprestam marcante fisionomia à paisagem citadina cultural da cidade de Bissau, quer se disseminem irregularmente pelos arrabaldes e subúrbios como módulos indicativos de um passado glorioso, ou ainda se espalham pelas ruas, ruelas, praças, galerias e pelo mercado informal. Neste sentido, é possível afirmar que há relação entre a cidade na sua estrutura física e nas suas representações que constitui um traço recorrente da vida social e de suas influências no imaginário popular. A produção dos efeitos simbólicos se fazem em cada cidade e no espaço físico vigente. Ora, as representações e os imaginários afetam e conduzem usos sociais e impelem as modificações destes espaços urbanos.

No caso de Bissau a forte tradição comercial e o fato desses espaços serem imprescindíveis no cotidiano das populações delineiam perfis para as mercadorias e os serviços prestados, importante de serem observados como fonte essencial de explicação para o entendimento do contexto sociocultural da cidade. Tomando como referência esse contexto, o presente trabalho objetiva analisar a importância do espaço social mercantil na história de configuração de Bissau, através da centralidade da produção e participação das *bideras* (*mulheres vendedoras*); bem como, destacando como o cotidiano dos moradores da cidade é influenciado pelas representações deste universo social.

Para alcançar o objetivo deste trabalho realizei revisão bibliográfica, seleção, leitura e fichamento de artigos, teses e dissertações sobre a temática. Além disso, coletei dados secundários, estatísticos e iconográficos. Foram coletados e produzidos dados e informações junto as pessoas envolvidas no comércio informal de Bissau, a partir da realização de entrevistas

semiestruturadas. O enfoque foi direcionado às experiências das mulheres envolvidas nas dinâmicas do comércio informal em Bissau. Para tal, realizei entrevistas com algumas *bideras* e filhos/as (*fidjus di bideras*) delas (às quais foram atribuídos nomes fictícios), que estão no Brasil estudando em diferentes cursos do Instituto de Humanidades e Letras, da Unilab, Campus dos Malês, Bahia. Como estas entrevistas busquei identificar as relações sociais de gênero e suas implicações na economia e política na sociedade guineense numa perspectiva histórica e interpretativa.

Segue abaixo o quadro com alguns dados com o perfil das pessoas entrevistadas durante a pesquisa de campo.

Quadro 1 - Caracterização do perfil das interlocutoras

Nome	Idade	Gênero	Local de Origem	Etnia
N'baluta	25	F	Bissau (Bairro enterramento)	Papel
Mistida	31	F	Bissau (Bairro pluba)	Balanta
Nha Pati	23	F	Bissau (Bairro Bandé zona 3)	Bijágo
Mandé	30	M	Bissau (Bairro Cuntum)	Mandinga

Fonte: Sistematizado pelo autor com os dados coletados na pesquisa de campo, 2019.

As imagens fotográficas extraídas na internet foram tomadas para análise como o propósito de identificar um conjunto de atividades desencadeadas pelas mulheres no seu dia a dia na cidade de Bissau. Dentre as imagens analisadas selecionei apenas cinco que aparecem no corpo do texto para compor a narrativa.

Por fim, organizei o presente trabalho em **três** capítulos. No primeiro, apresento uma contextualização histórica, social e demográfica da cidade de Bissau e mais um panorama histórico sobre as feiras e o comércio de rua nesta cidade. No segundo, destaco e analiso o papel desafiador, as vivências, representações e práticas sobre o lugar social das mulheres *Bideras* neste contexto. No terceiro capítulo falo do fenômeno social destas mulheres neste contexto, focando nas contribuições e protagonismo delas no processo político, social e desenvolvimento econômico e na participação ativa para o bem-estar da vida em Guiné Bissau.

Por fim, apresento algumas considerações com vistas a alinhar os diversos pontos que caracterizam o processo de configuração da cidade de Bissau, seu comércio, especialmente

o comércio informal e a importância das mulheres *bideras* neste processo através de suas vivências, descrevendo e compreendendo as trajetórias, considerando as condições materiais e simbólicas na sua forma “original” que os completam enquanto empreendedoras e educadoras e identificar os valores e desafios que encontram na melhoria das suas vidas como *Bideras*.

2 CAPÍTULO I: O CONTEXTO ECONÔMICO E SOCIAL DO PAÍS

Neste primeiro capítulo começo a apresentar o perfil da população guineense como uma heterogeneidade cultural, decorrente da coabitação entre diversos grupos sociais como culturas distintas e com identidades sociais e étnicas específicas. Como apresentar as vivências mulheres *bideras* dentro do contexto Bissau. E sua situação social, que se organizam e desenvolvem nas práticas comerciais, numa análise, histórica e interpretativa e suas implicações na política econômica Bissau-guineense.

Desta forma num país como a Guiné-Bissau, segundo nos informa os dados estatísticos de 2009, produzidos pelo Instituto Nacional de Estatística e Censo (INEC), a população Bissau-Guineense corresponde a aproximadamente 1.548.159 habitantes. Tem uma densidade demográfica de 33,22 habitantes por quilômetros quadrados, sendo que, a grande maioria residente em zonas urbanas.

De acordo ainda com o censo de 2009, a Guiné-Bissau conta com mais de 30 (trinta) etnias que se configuram em 5 (cinco) grandes grupos étnicos espalhados em diferentes regiões do país, com majoritariamente os de origem Balantas (27%), Fulas (22%), Mandingas (12%), Manjacos (11%), Papeis (10%) e outros (18%), desta configuração são considerados como as etnias mais populosas a nível nacional. Ressalta-se que a tradição cultural destes grupos étnicos é bastante rica e diversificada. No caso de Bissau, capital do país, sua área territorial corresponde a uma área de 77 quilômetros quadrados e densidade demográfica de 4.187 habitantes por quilômetros quadrados, correspondendo 384.960 habitantes no total. Ressalta-se ainda que da população total do país 25,19% da encontra-se na zona rural e mais de 64% na zona urbana.

A língua mais falada em Bissau é *crioulo*, muito embora visivelmente causadora de conflitos e criticada pelos demais falantes de outras línguas, se sentem sub-representados pelo cidadão da capital. Segundo Moema Augel (2007), estes, sem dúvida, se consideram mais “modernos” e ocidentalizados, os mais assimilados¹ aos hábitos introduzidos pelo poder colonial. Por pertencer a uma cultura urbana, a própria camada hegemônica do país, poder de abafar as demais línguas étnicas, com ameaça de um empobrecimento cultural, além de, com isso, desenvolver-se um flagrante juízo negativo de valor, taxando-se as línguas étnicas (e suas

¹ Incorporar, adquirir, entender algo por completo: assimilou a teoria do historiador; os africanos assimilaram à sua cultura aspectos estrangeiros.

culturas) como não civilizadas, desqualificando seus falantes como indivíduos de segunda classe.

No caso de Bissau os estudos sobre as origens de sua população, embora nem sempre apresentem perspectivas convergentes, têm relacionado seus habitantes ao conjunto da população que falam Criolo de Cacheu, Djiba, Criolo-de-Cabo-Verde. Segundo Person (2011), com a instalação dos portugueses na ilha de Cabo Verde, dava, sem dúvida, os portugueses a facilidade de chegar ao continente africano. Visto que a ilha de Santiago é a mais próxima do continente africano.

Este contexto entre os colonialistas portugueses e os povos autóctones pelo grande interesse religioso e geopolítico facilitou o processo comercial de exportar produtos e importar especiarias e escravizados. Com isso, garantiu a implementação das estruturas necessárias e exigentes dos povos diferentes e culturas dentro do processo econômico, político e sociais.

A cidade Cacheu começara a sua formação nos meados de 1588, servindo do interposto como primeiro sistema de administração (a privada) dos comerciantes portugueses para com as aldeias dos africanos. Desta dinâmica de entrosamento começa o processo da mestiçagem destes povos nas áreas socioculturais. O sociólogo Guineense Tchernó Djalo (2012), dialogando com Benoist, diz que a mestiçagem mesmo quando se limita a sua dimensão biológica, enraíza-se no social que canaliza as trocas entre os indivíduos, regula a sua amplitude e fixa o destino dos sujeitos.

Neste sentido a mestiçagem pode ser entendido como um espaço de integração de todas as dimensões da vida humana: biológica, sociedade, cultura e valores. E R. Bastide (2008), enfatiza que a mestiçagem diz respeito a raças “sociais” não o que tende a exprimir a biologia. Trata-se, portanto, de um fenômeno social tanto ou mais do que um fenômeno físico.

Os Bissau-Guineenses utilizam essencialmente as línguas nigero-congolesas tais como **o popular** (32%), **o wolof** (23%), **o sussu** (10%). O Crioulo historicamente falado por pessoas com experiências de vida antiga. Foi uma longa jornada revolucionária na manutenção e preservação das línguas influentes contra o jugo colonial português que reivindicará que os “nativos” falassem a língua do colonizador, ao invés das suas línguas étnicas. Nesta contradição e opressão vai surgindo uma língua, totalmente invertida dando a origem ao crioulo conhecido hoje, que, ao longo do tempo, vem se modificando cada vez mais. Há quem diga e reforce veemente que a língua crioula é fruto de um processo mais que simplicista, mas sistematicamente complexo na sua forma evolucionista.

Segundo os estudos de Moema Augel (2007), hoje o crioulo é uma língua autônoma, tanto do ponto de vista gramatical quanto lexical, é uma língua híbrida, mestiça, com a função

social de língua veicular, ponte de comunicação entre os falantes de origens as mais diversas, desde os tempos coloniais. Nessa corrente o sociólogo Guineense Livonildo Mendes enfatiza que:

Ao ‘pidjin’, que foi a “**língua franca**” que **evoluiu** para o **crioulo** que nós conhecemos hoje. O “pidjin” é considerado como um sistema incompleto utilizado na comunicação com pessoas pertencendo a uma outra comunidade linguística. Há quem defenda que não é uma língua materna de ninguém e a sua utilização responde a necessidades de comunicação precisas. Enquanto o crioulo é a língua materna de um grupo de locutores, e enquanto tal, deve responder ao conjunto das suas necessidades linguísticas. A transição do “pidjin” para o **crioulo** implicou fortes modificações socioculturais. (MENDES, 2016, p.2)

Nessa perspectiva, falar dos habitantes de Bissau é fazer referência à formação social originária da mestiçagem entre as diversas culturas e etnias que coabitam a região, congregando elementos de línguas regionais e também do português e da sub-região.

No campo da religiosidade, o atual panorama religioso Bissau-Guineense engloba uma diversidade religiosa vasta. Segundo Czeiser Flogão (2017), “ao ponto de vista religioso, os muçulmanos são distintamente os mais numerosos, tendo 85% de adeptos dentro da população. As religiões contam com 5% de adeptos e 4% são cristãos (entre católicos e evangélicos 1%)” (FLOGÃO, 2017, p.14).

E uma diversidade de instituições religiosas tais como: Jovens para Cristo, Igreja Universal do Reino de Deus, Testemunhas de Jeová, Evangélicos, Betel e demais e provenientes de outras partes do globo-África (Nigéria, Mali, Guiné-Conakry), Europa, EUA, Brasil. Também se evidencia um campo religioso de evangélicos, protestantes, católicos e de pequenos curandeiros.

Desta diversidade cultural, vários acontecimentos vão marcando nossa história fazendo referência as buscas por transições políticas e fluxo migratório da população subregional pelos fatores econômicos e sociais que resultaram em mudança ocorridos em tempo integral, sobretudo a transição de um regime político monopartidário para um regime democrático pluralista, abrindo o estado para a realização de eleições em 1994. Logo, conhecendo uma economia de planificação centralizada para um mercado (livre comércio), e a transição de um período de regime autoritário para outro democraticamente de paz. Todas estas mudanças pressupõem uma reorientação do processo de planificação política que se reorganiza transgredindo uma situação de emergência para objetivar uma perspectiva de desenvolvimento a longo prazo.

A Guiné Bissau ainda enfrenta o legado do regime colonial a partir do intervencionismo político, em que a sociedade civil e os agentes econômicos ainda não se desvincula do poder e dos privilégios estatais, o que ocorrendo, sobretudo, quando a crise econômica se deu na África nos anos de 1980, levando, as agências financeiras, a exemplo do Banco Mundial (BM) e Fundo Monetário Internacional (FMI), para fazer face à crise, a proporem o Programa de Ajustamento Estrutural (PAE). Esse programa tinha como principal objetivo a liberalização econômica, isto é, a não participação direta do Estado no mercado, ficando, o Estado, a fiscalização e mediação junto referidas agências econômicos.

Bissau desempenha um papel central no âmbito socioeconômico e político da nação guineense. Essa importância política e econômica resulta da concentração de infraestruturas, tais como: o porto de pindjiquite, o aeroporto, o rodoviário, etc., que asseguram a ligação entre litoral e o interior do país, e as sedes das redes de rádio e televisão nacionais e os espaços exteriores, como a sede do governo nacional, além da presença das representações internacionais.

Bissau como antes mencionado contém uma população de 300 mil, segundo o senso de 2009, constituindo o maior mercado do país, albergando a maior fração da força do trabalho ativa na economia nacional. A força de trabalho inserida no mercado informal ou “vulneráveis” digno da redução do desemprego e da pobreza, seu campo de atuação é majoritariamente ocupado por jovens e mulheres na zona urbana tanto quanto na zona rural. Assim fica reduzida a três campos laborais, segundo sociólogo Guineense Miguel de Barros:

1. Sector rural - caracteriza-se pela sua forma independente de trabalhar, pela não existência de assalariados nem de contratados (embora haja outras formas de mobilização e gratificação). Por esta razão, o seu rendimento pessoal (seu “quase salário”) é resultado de uma distribuição do produto da sua parcela. Essa distribuição é realizada, usualmente, entre os membros da sua família que laboram na parcela de acordo com os usos e costumes tradicionais que contemplam aspectos como a contribuição para o trabalho, a idade, o sexo, etc.
2. Sector urbano moderno - essencialmente constituído pela administração pública e por empresas do sector público, sendo as atividades do sector privado formal relativamente reduzidas. A má gestão das empresas públicas e a contra produção del decorrentes têm sido as causas do bloqueio deste sector. Mais de 80% das possibilidades de emprego na Guiné-Bissau são geradas fora deste sector;
3. Sector informal - representa o segundo potencial de crescimento do emprego na Guiné-Bissau, após a agricultura, tal como acontece na grande maioria dos países da África Subsaariana. Estimativas da OIT indicam que o sector informal representa, nesta sub-região mais de 60% do emprego urbano total e cerca de 25% do emprego total dos diferentes sectores.

Nas últimas duas décadas do século XX a cidade passou por diversas transformações sociais devido aos efeitos do período de conflitos e deslocamentos e disputas de poder, segundo estudos da Moema Parente Augel diz,

Com a liberalização econômica que teve lugar desde 1987 deu-se um grande surto de urbanização a população de Bissau, cresceu de 80.000 habitantes, 1975, para 300.000, em 1996, segundo as estimativas. A população do país, na atualidade, é estimada em 1.500.000 habitantes, das quais cerca de 300 mil vivem em Bissau (AUGEL, 2007, p. 215)

A rápida urbanização conduziu as mais diferentes mudanças, caracterizando-se pelo acelerado crescimento da população e pela incapacidade das estruturas estatais em proporcionar o básico para uma existência condigna mediante o agravar da pobreza e da exclusão social.

O aumento rápido da população nos centros urbanos agravou-se em razão dos influxos de deslocamento e em razão da escassez de oportunidades de emprego, além dos salários poucos atrativos nos mercados de trabalho oficial que fizeram de Bissau o maior cenário de alternativas informais de mercado.

Nesse contexto, o momento da amplitude das atividades econômicas não oficiais tem sido apresentado como um efeito decorrente da situação de conflito armado, que ocasionou a crise social e econômica e a urbanização acelerada da cidade. Como salienta nos seus estudos Francisco da Silva: “assim cresceram os bairros suburbanos de Bissau, sobretudo em Santa Luzia e Cupilum, Alto do Crim, Mindará e Pefine. Toda esta lógica urbanística com bairros possuindo ruas pavimentadas, com eixos de penetração, praças e locais de comércio” (SILVA, 2014, p32)

Sua repercussão em nível global e as transformações do papel assistencialista do Estado começam a perfilar algumas reconfigurações para o mercado de trabalho de Bissau. A atual economia urbana de Bissau concentra uma modalidade de comércio de rua conhecida popularmente por “**rabata-rabata-assumbulé**”.

Este termo é usado comumente pelos ambulantes homens e mulheres e não para indicar preço baixo de preço de mercadorias. Esta prática instaura também a forma de concorrência entre as vendedoras e vendedores.

Os “**rabata-rabata-assumbulé**” agregam práticas de venda bastante diversificadas para o comércio de produtos globais como roupas, utensílios de casa, bolsas, calçados, eletrodomésticos, material escolar, acessórios de beleza, artigos de perfumaria, cosméticos, CDs e DVDs piratas, entre outros artigos. Verifica-se também o comércio da comida de rua, do câmbio de divisas, de serviços de carregamento de mercadorias, de roupas usadas (fuka), de

serviços de tranças e tratamentos de unhas e de acessórios para carros. Também compõem a lista de água de garrafa, como o de saco de plástico, os refrigerantes, a cerveja, o uísque e alimentos: como frutas, coxas de frango, peixe, carnes.

No contexto de Bissau os “**rabata-rabata-assumbulé**” constituem verdadeiros shoppings populares. Algumas das principais características desses espaços são a falta de saneamento básico, a acumulação de lixo provocado pela intensa movimentação comercial e a insegurança dos operadores, decorrência das ações mediante excessos cometidos por agentes de fiscalização da câmara municipal de Bissau.

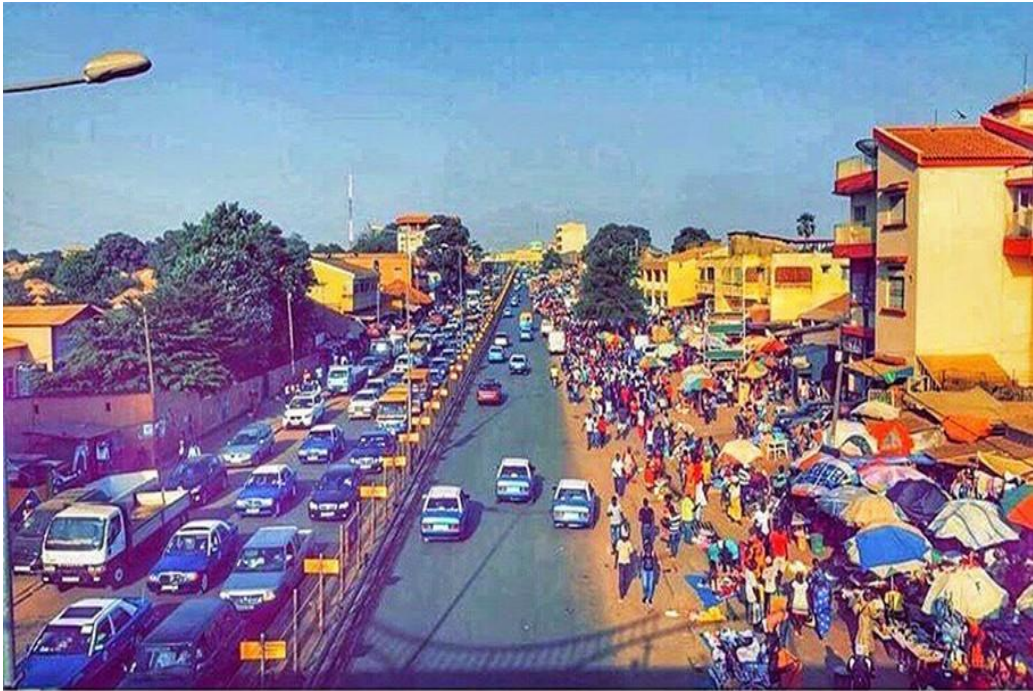
Outra característica desses espaços diz respeito ao fato deste comércio de rua ser exercido predominantemente por mulheres. Elas deambulam aos milhares, da estrada ao asfalto e vice-versa. Torna-se quase impossível transitar por estas regiões sem esbarrar com uma vendedora oferecendo seus produtos, estejam a pé ou de carro. Em datas festivas como o carnaval, o dia de São Valentim (dia dos namorados), ramadão, período natalícia e os dias de passagem de ano novo cenário altera-se devido a exposição dos produtos de época.

Na prática as vendedoras e vendedores ambulantes tornam-se os principais formadores de hábitos de consumo entre povoado de Bissau, uma vez que se encarregam da distribuição de mercadorias para os consumidores, influenciando suas práticas de consumo. São eles e elas que se encarregam de difundir a moda, o que está em alta, ou utilizando a fala popular guineense “*ke mas cuna manda*”, que significa nada mais nada menos do que esteja em alta no mercado.

Estas práticas comerciais em Bissau ocorrem em espaços que adquirem uma configuração cosmopolitana cada vez maior, que implica reajustes em constante como a atualização das técnicas de venda ou a introdução das práticas de venda, o que acaba retraindo outros agentes e entidades. É notável a forte presença de outras várias agentes do globo.

Segundo Paula Pinto (2009) “no entanto, aquilo a que se assiste hoje em Bissau é, não que modernização da vida urbana, mas a sua africanização”.

Figura 1 - De pessoas e coisas em movimento Av. Combatentes de Liberdade da Pátria



Fonte: Hello Bissau: www.facebook.com/hellobissau/photos/a. Acesso: (21/07/2019).

O que mostra com destaque constante de indivíduos provenientes do Mali, Guiné Conakry, Nigéria, Senegal, Mauritânia e etc. Estes espaços de comércio de rua abrigam tanto homens quanto mulheres de diferentes idades e provenientes das diferentes regiões do país. Essas pessoas mesmo estando distantes da sua terra natal, procuram manter um vínculo afetivo com a mesma.

Através da associação com pessoas originárias da mesma região, mediante a criação de redes de vizinhança com base no parentesco, pessoas provenientes do mesmo espaço sociocultural podem realizar uma rede de manutenção de seus hábitos alimentares e falar a língua de seu grupo etnolinguístico dos laços de solidariedade étnica. Esses hábitos são cultuados por pessoas com ou sem laço, citado acima. Mas que estes espaços propiciam a invenção e a recriação de estratégias que engendram novas formas de trabalho e de sobrevivência, a exemplo da “abota”, uma prática muito vigente entre as *Bideras*, isto é, uma espécie de fundo monetária.

No entanto, o comércio informal em Bissau e as ocupações possuem um percurso histórico que faz com que estas atividades não passem ser reduzidas a categoria de desemprego mesmo sendo conturbada pela sua trajetória secular. No entanto, o comércio informal em Bissau e as ocupações possuem um percurso histórico que faz com que estas atividades não passem

ser reduzidas a categoria de desemprego mesmo sendo conturbada pela sua trajetória secular. Segundo Henriques da Silva e Mario Santos (2014).

Bissau tornou-se numa cidade em miniatura, dotado de infraestruturas, criaram-se bairros para acolher a classe administrativa que se expandira, a própria concessão urbanística esbate o espírito colonialista de civilização por um lado e indígenas por outro, no centro de Bissau, é certo promovem-se uma urbanização para receber os funcionários e os comerciantes nas suas orbita teve lugar o aparecimento de bairros onde coexistem famílias europeias e indígenas (SILVA E SANTOS, 2014, p. 32)

Pode-se dizer que estas práticas e desde da sua forma “originária” ela evidência tanto as formas de segregação quanto os espaços para resistência enquanto reduzida como se tem demonstrado como sendo lugar de pobreza, da mesma forma a alimentação da pobreza nessa esfera marco-temporal, nos novos modos de manifestação das desigualdades sociais e ampliação de vias urbanas e espaços de vendas e trocas comerciais e larga margem, vai criando várias possibilidades de viés para sobrevivência.

3 CAPÍTULO II: AS MULHERES BIDEIRAS: OS DESAFIOS VIVÊNCIAS, REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS

Neste capítulo busquei refletir e apresentar uma interpretação das vivências das mulheres *bideras* no contexto de Bissau. Conforme vimos anteriormente, mulheres *bideras*, é a designação atribuída as pessoas cujo na sua maioria são mulheres na região de Bissau e Guiné-Bissau, no geral, conhecidas por exercerem a troca comercial, isto é, compra e venda do produto no mercado comercial, com objetivos de obter algum rendimento que garante os meios de sobrevivência. Para melhor expor as minhas ideias, primeiro destaquei o importante papel das mulheres na organização e dinâmica econômica, no modelo histórico-social e cultural.

Pensar na dinâmica sobre comércio paralelo das zonas urbanas de Bissau é pensar em mulheres *bideras* e implica também esclarecer diversos tempos e espaços que contribuíram para definir seus desafios, vivências, representações e práticas. Para analisar a experiência das mulheres *bideras* realizei entrevistas com algumas *bideras* e filhos/as de mulheres *bideras* que são estudantes em diferentes cursos do Instituto de Humanidades e Letras, da Unilab, no Campus dos Malês, com finalidade de analisar as relações sociais de gênero e as práticas comerciais numa perspectiva de análise histórica e interpretativa e suas implicações na economia e política na sociedade guineense.

3.1 MULHERES NA SOCIEDADE GUINEENSE

Quando se fala da situação social das mulheres na sociedade guineense, é, sem dúvida, tratar das precariedades em várias vertentes de direitos humanos. Mas vale ressaltar que se deve de várias demandas e formas de organização existentes na nossa sociedade. Sobre a diferença que existe entre a sociedade, ou seja, a organização social dos europeus e a dos africanos familiarizou um pouco desta legitimação do modelo patriarcal como padrão de organização social e política. Em termos gerais, as mulheres são vulneráveis, a pobreza, saúde, economia, invisibilidade social, educação, emprego e na participação política (tomada de decisão) que ainda tem pouca representatividade. Apesar de existência de leis nacionais, convenções internacionais assumidas pelos governos, ainda falta muito no que se refere ao cumprimento na íntegra do acesso aos direitos e serviços por parte da maioria das mulheres Guineenses.

Para Hipólito Mendes apud Balde e Mendes (2016), ao analisarem o nível da pobreza extrema no país constatam que, num total de 100% entre a média de 64% dos pobres, 51,4% eram mulheres, ou seja, as mulheres representam mais da metade da população pobre no país.

E que a pobreza profunda se concentra nos *Agregados Familiares chefiados pelas Mulheres* (AFM), cuja maioria trabalha no setor informal. Os AFM apresentam agregados com maior número de pessoas em relação aos dos homens, sendo 18,8 contra 5,1 pessoas no AFH. Na última década, entre 2002 a 2010, foi verificado um aumento em percentual de 9,2% para mulheres e 4,2% para os homens. Constatase ainda que a pobreza vista em termos de sexo varia, na zona rural os homens eram mais pobres em relação às mulheres e na zona urbana as mulheres eram mais pobres que os homens.

Esse modelo de organização e formas concentradas de representação este presente nas zonas urbanas e rurais, não no seu todo, mas como herdamos tudo o quanto do colonizador, principalmente o sistema do patriarcado, então, na Guiné Bissau, os homens são vistos como *dunu di moransa*, isto é, chefe de família, mesmo sem emprego são tratados com respeito. Nessa linha de ideia, Hipólito apud Baldé e Mendes, considera que a incidência da pobreza extrema dos *agregados familiares das mulheres* (AFM) na zona rural oscila entre 65,3% e 29,8%; o que no AFH a pobreza na zona rural oscila entre 70,3% e 33,8%, respetivamente. Enquanto que na zona urbana a situação é inversa, o porcentual na AFM é 56,3% e 15,5% enquanto que no AFH oscila entre 48,0% e 12,2%. Estes indicadores demonstram a falta de oportunidade de emprego acompanhado de baixo nível de instruções académicas para a maioria das mulheres.

Na zona rural as atividades geradoras de renda são manuais e não exigem nível de instruções académico como tem sido na zona urbana. As mulheres têm mais facilidades de criar riqueza dobrando mais horas de trabalho (BALDE; MENDES, 2014). Nos últimos anos o governo com o intuito de diminuir a pobreza adota como referência o **Documento Estratégico Nacional da Redução de Pobreza** (DENARP I) com o plano quinquenal. O documento previa os direitos das mulheres como prioridade *de maneira parcial*.

Deixando à margem a preocupante situação da mulher, como tudo é ao associar a modelo europeu sempre é considerado como padrão, e o patriarcado bebeu muito disso. Assumindo seu papel de superior enquanto sistema organizacional, após ter associado a prática europeia, sendo incorporado como modo cultural.

Reforçados por vários estudos e interpretações voltadas a desvalorização das comunidades matrilineares africanas. Num recuo no tempo observamos que antes da chegada dos europeus às terras do continente africano, a organização de muitas sociedades africanas pré-colonial o sistema era matrilinear. Na base da família estava a mulher dona de *moransa*, isto é, a comanda duma casa sob sua responsabilidade.

Philip Havik (1995), falou das mulheres entre os séculos XVII e XIX ressaltando que elas atuavam como gerentes e proprietárias de casas comerciais. Segundo Havik, 65 casas comerciais existentes em Bissau no referido período pertenciam a mulheres, mesmo não especificando números exatos de mulheres envolvidas, mas concretiza que de fato elas geriam muitas casas e mais, que estas mulheres tinham uma força negocial significativa, facilitada pela falta de controle territorial das autoridades coloniais e pelo seu fraco poder econômico, a qual contribuiu para fazer delas intermediárias e interlocutoras imprescindíveis.

A participação das mulheres na dimensão política, principalmente quando houve o processo de luta pela libertação nacional (1963-1973), contribuiu para o alcance dos objetivos em termos de organização de modo positivo para a mudança de mentalidades sociais, a respeito dos lugares de decisão tanto nas zonas urbanas como nas rurais, revelando a capacidade de gerir as relações não apenas conjugais, mas também de aproveitar as oportunidades e mudanças de conjuntura provocadas por fatores exógenos para aumentar e aprofundar a sua autonomia. Por conseguinte, assumir e protagonizar novos paradigmas nas relações de gênero, elas vão desenvolvendo estratégias criativas.

Mesmo assim a contribuição da mulher na economia da Guiné-Bissau ainda continua ocultada, a sua atividade econômica no setor informal não aparece no PIB nacional como elemento integrante “esta contribuição não sendo reconhecida e decorrente deste fato, não é contabilizada no PIB”, isso cria constrangimento em certa medida no planejamento de criação de novas oportunidades que poderia contribuir bastante no crescimento econômico. (MENDES, 2016, p. 33)

Mesmo em tempos difíceis, as mulheres não baixaram a guarda, sendo homens roubando a cena no atual cenário político-social guineense, acabando invisibilizando seus protagonismos. Em consequência as mulheres continuam aos problemas sociais como pobreza e desigualdades de oportunidade em relação ao homem e a precariedade no trabalho. A respeito do acesso e ocupação de certos espaços, no qual muitas das vezes não exigem qualificação profissional. O que acaba tendo sua maior aderência ocupada pelas mulheres. E o informal e formal acaba sendo demarcador seguro das condições de gênero. Segundo Hipólito Mendes (2016).

Na economia formal oferecem meios de subsistências e apresenta as condições mínimas dos trabalhadores. Na economia informal os trabalhadores estariam expostos a condições de trabalhos precárias, inadequadas e inseguras. Em maioria dos casos os intervenientes apresentam baixos níveis de escolaridade, qualificação profissional e oportunidades de formação esperada. Tem aproveitamentos inferiores mais incertos e baixos do que a da economia formal. A jornada de trabalho muito longa, que não tem coberto pela negociação em conjunto e nem direito de representação de organização de trabalhadores. A economia informal na maioria das vezes apresenta o estatuto de

empregabilidade ambíguo. Além do mais ele carece de direitos sociais trabalhistas no âmbito de regimes de segurança social, saúde maternidade e outras legislações de proteção no trabalho. (MENDES, 2016, p.33)

Nos anos 1980, com aplicabilidade do Programa de liberalização econômica PAE (Programa de Ajustamento Estrutural), adotado por mais de 40 países da africana subsaariana, a Guiné Bissau também o adota, mesmo considerando a natureza econômica, política e sociológica desta adoção no aparelho do Estado e sociedades africanas. Os efeitos deste Programa dentro dos Estados Africanos, inclusive na Guiné-Bissau foi a desvalorização da moeda e a redução do controle estatal sobre economia, como a abolição dos subsídios estatais e a liberalização da economia. Ou seja, o que o país vivenciou tendo os modos de produção acabaram sendo mal aproveitados e causando graves consequências por conta das novas medidas de “ajustamento” e abrindo brechas no meio social, sobretudo dentro de grupo social e de gênero. Já com possíveis efeitos do fator “pobreza” e a distinção formal com informal, que pouco ajuda as populações a perceber as relações socioeconômicas inseridas nos seus contextos. A nova ordem interveio de forma gravemente nas vidas das populações, arrastando o comércio na sua forma prática, tanto monetária quanto de troca direta.

No que se refere as questões de gênero os estudos que se conforme no que foi definido como segunda onda feminista (1960-1970), a imagem da mulher se afigura sempre no anonimato ou segunda categoria. Enfatizado pela sociedade tanto tradicional como moderna. Mas com tempo estas mulheres souberam virar a página numa luta ardente. Uma viragem da ordem social e política, pelo papel que tem desempenhado entre relações de gênero e seu papel social.

Segundos antropólogo Philip Havik (1994).

Se os baixos salários e os atrasos no pagamento destes em sim já davam aos assalariados suficientes razões para procurarem outras receitas, estas políticas de redução de pessoal, juntamente com a abolição dos subsídios (por exemplo do subsídio alimentar), reforçou a crise nas responsabilidades sociais dos homens casados (os chefes de família) em relação á alimentação diária do seu agregado familiar. (HAVIK, 1994, p. 33)

Colocando em cheque as medidas do PAE (Programa de Ajustamento Estrutural), que não ajudaram em nada nos países injetados, intensificaram a crise, jogando a irresponsabilidade a camada masculina que cada vez mais só tinha como única solução a imigração, fazendo as mulheres cumprirem com as responsabilidades cada vez mais de assegurar e garantir o sustento da família.

Na sua maioria, as mulheres que estão envolvidas com o comércio são as produtoras dos seus bens materiais, através do trabalho no cultivo e produção dos produtos para venda ou troca comercial, colocando de lado o Estado ou governo no controle econômico vigente. De tal modo regulam e expõem a venda seus produtos em torno de mercados, feiras, praças, postos de venda de gêneros frescos, ou ainda, pequenas lojas ou barracas de negócios, nas ruas etc.

Tanto na realidade atual de Bissau como em séculos passados os circuitos comerciais em alguns pontos estratégicos da África, as mulheres sempre estiveram presentes constituintes compradoras e vendedoras.

Segundo os padrões segregacionistas de gênero sempre supervalorizaram o protagonismo da camada masculina, apagando de total modo o desempenho das mulheres, no ato social, cultural e político. Ao problematizar e questionar os acontecimentos históricos e os arquivos antropológicos, observamos que podemos tomá-los enquanto ferramentas que corroboram o que nos apropriamos desde cedo através da história oral.

As fontes documentais sobre as sociedades africanas e o comércio pelo Atlântico sinalizam para as vantagens que as mulheres africanas trouxeram aos negócios com os comerciantes estrangeiros no atlântico, fazendo cruzando de modo social e cultura. Dentro das dinâmicas que sustentaram este comércio atlântico com a participação das mulheres de forma central, observamos a importância das alianças de casamento. Muitas mulheres tiveram que se casarem com os seus negociantes, ganhando uma posição negocial vantajosa e como isso para valorizaram seus recursos na troca direta.

Segundo Havik (1994), este processo desencadeou forte processo de troca e mistura na região da Costa da Guiné, antigamente na zona do rio Senegal até Serra Leoa, permitindo às mulheres desempenharem papel de esposa e sócia, uma mobilidade física e social que nos meados de século XVII registravam casos de mulheres comerciantes, chamadas *nharas* (em crioulo da Guiné). Estas mulheres já gozavam de privilégios entre as populações locais, sobretudo dos colonos e detinham recursos materiais e humanos (como o lucrativo negócio de escravos), se vestiam ao modo europeu, falando as línguas estrangeiras como portuguesa e francesa.

As mulheres africanas não são só vítimas e objetos dos homens. Elas são agentes sociais capazes de, por si só, assegurarem a manutenção familiar, elaborar estratégias sociais de fortalecimento de suas posições na hierarquia social, isto é, são agentes indutoras da mudança social. Nota-se na dedicação as culturas comerciais e trabalho assalariado, conjugando papel produtivo e a tradição de independência em termos econômica entre esposos, traduzida a resposta essencial e racional ao sistema de significado do gênero, com conotação que significou

necessária dessas mulheres procurarem novas saídas geradoras de rendimento, não tendo por obrigação “submissão” e “privatização” na esfera doméstica, como a administração colonial, não fez por esperar quando elas tomaram iniciativa da sua independência econômica, com intensiva atuação na pequena produção e comércio. E vai além nas suas atividades, pois, durante o período colonial as atividades não diminuíram, como atividade agrícola subdomínio feminino entre outras atividades geradoras de rendimento, de forma a ampliar face as novas solicitações de uma sociedade cada vez mais monetarizada.

Francamente são momentos e aspectos como esses que merecem destaque maior, mas as mulheres na sociedade guineense envolvem várias agentes de se pensar e ou são responsáveis por vários pontos-chaves da nossa sociedade. Elas estão envolvidas nos circuitos econômicos formais, responsáveis pela tradição familiar, gestão da casa, educação dos filhos e na sua maioria nos informais ou por aquele mal remunerados. As estimativas consideradas pela Cátia Lopes (2011) nos estudos de casos sobre o **papel das mulheres na Guiné-Bissau** considera o seguinte: “mais de metade da população guineense é composta por mulheres (50,5%), e desempenham um papel fundamental na gestão da vida doméstica, isto é, são responsáveis pela família, gestão da casa, reprodutoras e cuidados com as crianças” (LOPES, 2011, p. 23).

Expressamente são elas majoritárias não só no sentido “infelizmente da pobreza” econômica marxista-sexista, mas devido o cargo dos casos pautados pela sociedade onde as mulheres têm limitações básicas de acesso aos mecanismos possíveis de acesso a educação, o fato de ser mãe, esposa e dedicação a tarefas domésticas, que não são apenas no sentido de sócio temporal, mas sim de um aspecto culturalmente pautada. Em alguns casos acaba que tornando ou mesmo influenciando o papel da família sendo de autoridade máxima dessa mulher ou menina. Ou seja, obediência total a um pai, mãe, tio, irmão. Passa a ter um aspecto identitário dessa pessoa, como no caso a torná-la sem muitas opções livres, como busca de emprego etc. Ainda estas mulheres enfrentam outro fator que é a desigualdade econômica, no que diz respeito a diferença de rendimento monetário e de consumo. Seguro de conseguir aceder nos serviços coletivos e necessidades consideradas essenciais como alimentação, educação.

A desigualdade de gênero no campo econômico, social e cultural têm sido aspectos relativamente cruciais para adoção de medidas no campo político. No sentido de criar políticas novas e estratégias em nível de subsistência com direitos as mudanças institucionais de modo a haver direitos e oportunidades. Por esta e demais razões a mulher guineense no campo econômico e negócio informal, no sentido literário local diz: “*não importo do governo ou marido em casa desde que este se desvincula a mim*” as *bideras* sentem a necessidade de sustentar a si e aos filhos e isso não são problemas. Por este motivo a mulher *bidera* guineense

é um agente de mudança importante na vida social, econômica e política da sociedade guineense. Através da sua ação e papel no desempenho do bem-estar local como promover e acionar meios capaz para desenvolvimento.

As mulheres *Bideras* se vinculam no ideal da mulher emancipada, a cidade de Bissau, ilustra as principais feiras ou mercados assim digamos, principais pontos de encontro de atividades comerciais a céu aberto do país nomeadamente; o Mercado de Praça (*Fera di Praça*) Mercado de Bandim (*Fera di Bandé*), Mercado de Caracol (*Fera di Caracol*), e etc. Estes mercados, considerados como instituições de revenda e de distribuição de bens alimentícios.

Figura 2 - (Feira de Tambarina). Cores dos produtos, cortes do mercado



Fonte: Posdeterra//www.facebook.com. Acesso: (20/07/2019)

Contudo, a importância dos produtos comercializados e da atividade praticada, estes espaços são empreitados pelas mulheres *bideras*, fazem parte da cesta básica dos cidadãos de Bissau e Guiné Bissau no geral. Fixando a fisionomia da cidade de Bissau nos seus mais diversos aspectos social, política e cultural propositalmente se destaca a movimentação comercial e seus desafios, desde os tempos da era colonial ao presente momento, no papel

tradicional da vida urbana de Bissau, inclusive das *bideras* na busca da pureza no sentido de representatividade considerada um campo limita não somente a exposição de venda e troca dos produtos. Mas vai além destas expressões denominadas “*mundu rabida*”, isto é, a revirada do aspecto da vida das populações e da via urbana. Segundo as descrições de Henrique Silva e Mario Santos (2014), sobre as mudanças vigentes na cidade de Bissau.

A descrição da “chapa” de Bissau, é também muito vigorosa, como o Bandim daquele tempo, um sociodrama da Guiné, assim apresentado; tudo ali aparece ampliando e distinto. Do lado direito de quem sabe, o passeio é estreito e depois, mais para dentro, aparece uma grande vala de cimento que vai até mais acima. Do lado interior da vala estão vendedores de plásticosbacias (vasilhas), baldes, canecas, e de bacias esmaltadas da Tailândia. E logo começam, então, junto ao passeio, as mesinhas com pacotes de cigarros, fósforos, sabão azul, muito azul, pastilhas elásticas, latinhas de leite evaporado. (SILVA & SANTOS, 2014, p. 290)

O setor comercial e expositiva dos produtos em Bissau se classifica dessa forma onde homens e mulheres estão presentes nas ruas e mercados como vendedoras e compradoras, adequado a caracterizar este espaço como multifuncionalidade no qual a considerar estes espaços não estão sujeitos somente a compra e venda unicamente, mas também para comunicar, conviver, obter informações.

A percepção da noção do mercado, na perspectiva de vasto campo de trabalho, envolvendo vários agentes aqui se define pela procura e oferta que não necessita de espaço fixo ou reconhecimento oficial. Como em quase todo território regional acontece mercados periódicos (*os lumus*), Bissau, não longe deste fenômeno que desenrola nos espaços ao longo das beiras, das estradas, os alpendres das casas e as entradas dos espaços domésticos em geral. Sendo estes espaços são apropriados e apropriáveis para venda.

Os mercados municipais geralmente são dos tipos “ideias” sendo estabelecimentos fixos, com edifícios mesmo que rudimentar onde o comércio é realizado sob autorização e fiscalização do Estado e Câmara Municipal de Bissau. A maioria destes mercados municipais e “famosas” estão fixas em Bissau, a considerar os mercados dos bairros periféricos chamados (*becus*), das mais numerosos e ativos espalhados por todo canto da cidade de Bissau, estes são mercados informais, sem edifícios, que funcionam de dia e noite, equipados com bancas e lâmpadas de querosene (*candero di becu*).

Deste contorno as *bideras* vão de bairro a bairro de bandeja, tabuleiro na cabeça, vendendo produto alimentício e utilidades para o cotidiano dos habitantes, fazendo destes ambientes do vendedor e do consumidor variável de entrosamento na formação de hábitos e costumes. Esta comunhão é reforçada pelo Peter Berger e Thomas Luckman (2014), dois

sociólogos. Estes autores asseguram sublinham que não é preciso acrescentar que a ordem social não é dada no ambiente natural do homem, embora certos aspectos particulares deste ambiente passam a ser fatores que determinam aspectos de uma ordem social (por exemplo, sua estrutura econômica ou tecnológica (2014, p. 74).

Desta ordem cada *bidera* vai se organizando e aperfeiçoando sua mobilidade e mudanças de atrair sua clientela, nos quais algumas, como dita anteriormente, vão abrigo nos bairros onde expõem suas vendas nos locais chamados “*becu*”, fixadas na esquina da casa, da rua do bairro, a beira da estrada, lá pode-se encontrar um pouco de tudo, desde milhos assados na brasa, (*midju iassadu*), amendoim (*mancarra*), manga (*mangu*), legumes, peixes e etc. Produtos estes onde se tem venda pequena e a grosso, com preços acessíveis, deixando na mão os mercados “ideias” numa competição com mercados informais.

No entanto, o mercado de bandim (*fera di bandé*), em Bissau é considerado o maior e mais bem fornecido mercado do país, além de ocupar uma vasta área organizada segundo os produtos, seduzi o edifício no território do bairro que lhe dá o nome, para se estender ao longo da avenida **Combatentes de Liberdade da Pátria**, principal estrada de acesso para a cidade de Bissau e arredores estendendo, até aos bairros periféricos de Mindara, Renó e Chapa di Bissau, fazendo dela um espaço extraordinário. Além de ser o maior espaço de negócio informal de Guiné Bissau, para aí convergem produtos e gentes de todo mundo; tecidos e plásticos da Gambia, Senegal e Guiné Conakry, das lojas da China (*barato-barato e sem garantia*), da Índia, Líbano, com matérias de construção e acessórios para carros, da Nigéria, contêiner de bebidas e mais também ervas medicinais do Mali, e produtos farmacêuticos da Maurítânia e de tudo o quanto para comprar e, ou só para ver, saber preços, informar-se e conviver.

Segundo Maria Rodrigues Borges (2000), no seu estudo de campo sobre o mercado de Bandim, disse:

Do computador à água dentro de um saco de plástico, vai um mundo, que é o mercado de Bandim. Pode-se comprar tecido à peça e entregá-lo ao costureiro que logo no momento faz a roupa pedida. Brinquedos, amuletos, legumes, peixe, comida cozinhada, temperos locais, caldos industriais, tudo se vende neste mercado entre alimentos, tecidos e vestuário, cosméticos e joalheria, ervas medicinais, bebidas locais e importadas, condimentos, sapatos, ferramentas, onde se comercializam todos os produtos nacionais e importados, mobiliário, peças para automóveis e todo o tipo de artigos imagináveis, no mais importante espaço comercial da Guiné-Bissau. Para o mercado de Bandim parece convergir tudo o que existe, de todas as partes do mundo. Não sou só eu que vou ao mercado só para ver, vem gente de todo)

Figura 3 - É Bissau que se amanhece entre passos que fazem o Bandim



Fonte: Hello Bissau : www.facebook.com/hellobissau/photos/a. (Acesso: 2/06/2019)

Assim vai se fortalecendo e acolhendo a extensibilidade e informalidade do Mercado de Bandim (*fera di bandé*), mantêm-se afeto a diversos discursos, a disposição de processo de sociabilização. Num resultado da posição e da trajetória social do indivíduo, partindo de um esquema de visão e percepção, que se detém deste espaço, do pensamento a ação que se baseia numa lógica da prática, comum entre os cidadãos de Bissau, e não só, é verdade que todo perdido na tabanca ou nas ruas de Bissau, não vai a muita procurar na *fera di bandé*, pois nela sempre encontra a resposta.

Na Guiné Bissau, no seu todo, podemos encontrar uma diversidade de pequenos empresários, incluindo produtores, grossistas, distribuidores, retalhistas, vendedores itinerantes, processadores e transportadores, atuando informalmente. Porque este setor informal constitui hoje o setor econômico mais próspero, tanto nos meios rurais como nos urbanos, em resultado respondendo as demandas do mercado (procura e oferta), e proporciona uma rentabilidade comparativamente mais que interessante que a dos empreendimentos no setor formal da economia nacional.

De uma forma prospera e fortalecida o mercado informal (pequenas empresas informais) tem contribuído para com a diminuição do desemprego, criando novas fontes de rendimento, dando legitimidade a várias categorias na classe informal uma rede de distribuidores e venda no comércio paralelo. Os atores envolvidos neste ramo são numerosos, atuando em vários níveis, podendo-se classificá-los de acordo com cada realidade vigente. No

cenário da capital Bissau, de acordo com as classificações locais, estão formados por: os *djilas*, as *kulkaduris*, e as *bideras*.

Os *djilas* na sua maioria são homens, de pequenos e grandes vendedores de diversos produtos, geralmente produtores das suas vendas, atuando em toda parte da região guineense, abastecendo o mercado com produtos industriais importados. Influentes na tecelagem, sapatos, roupas e etc. As *kulkaduris* na sua maioria são mulheres, são pequenas vendedoras ambulantes, geralmente que se deslocam de bairro a bairro ou de porta em porta das casas nos bairros periféricos de Bissau, ou em veículos coletivos, a procura de escoar rapidamente seus produtos alimentares dentre outros.

E as chamadas camadas de *bideras* negociam como compram junto de múltiplos pequenos produtores os excedentes da produção, como por exemplo: de arroz, a peixe ou roupa, reunindo na sua quantidade apreciável de mercadoria, que depois, distribuem a grosso modo ou a retalho noutros mercados ou feiras (*fera*), a partir da sua casa ou local de venda fixa, ou repassando junto dos *kulkaduris* que revendem as mercadorias juntos aos consumidores. Assim estes agentes cujo circuitos informais controlam mercados de comércio dos bens alimentares, incluindo fruta, do pescado, arroz produzido no país, artes e ofícios, peixe e diversos.

Portanto, as mulheres vão desempenhando importante papel na produção dos bens trocados ou vendidos, como no campo agrícola, sendo bastante influentes também no campo da produção artesanal. Neste caso produzir e transformar, fato que implica a divisão sexual do trabalho típica dentro do social guineense, são feitas apenas por mulheres. Conforme disse Maria Borges (2000), a divisão tradicional do trabalho não constitui somente uma limitação, mas também um recurso para as mulheres, que souberam tirar partido da divisão sexual do trabalho para controlarem mercados e produtos específicos (BORGES, 2000, p. 175).

Seletivamente dominam este campo com toda delicadeza, incumbindo a pessoa física, a mulher *bidera*, na produção de produtos agrícolas e florestais, o descasque do arroz e milho, a debulha de milho e feijão, a confecção de óleo de palma e etc. São as essas mulheres que também são responsáveis pela transformação do pescado através da secagem e fumaça, assim como extraem e fabricam o sal e confeccionam o sabão.

De tal modo que para estas mulheres além de processamento de certos produtos, vai dando possibilidades também da sua comercialização, contribuindo para um detalhe interessante nesta dinâmica de divisão de trabalho, enquanto as mulheres, pelos fatores de estarem beneficiando os plantados em campo, muitas das vezes, controlados ou explorados por elas, que de fato acaba restringido os homens deste campo, quase impondo sua entrada nas esferas das atividades femininas, de forma proposital são estratégias para assegurar o controle

e os lucros da comercialização de determinados bens, partindo dentro de uma Perspectiva de subdesenvolvimento nas sociedades modernas e tradicionais Bissau Guineense.

No seu estudo Paula Pinto (2009), disse:

Essas estratégias socioculturais, por meios das quais os grupos dominados procuram negociar a continuidade dos seus valores e uma inserção mais equitativa na sociedade global, e que estruturam a economia do conflito, pela apropriação criativa dos modelos vigentes e ressignificados, é recorrente a vários contextos geográficos e históricos. (PINTO, 2009, p. 61)

Assim deu a elas uma predominância deste setor do comércio em pequena e média escala, cujo os bens alimentícios dominam o setor da produção. No qual elas são donas da produção que comercializam depois, a exemplo dos casos de arroz e hortaliças. Em alguns casos suas intervenções (*mindjeris bideras*), enquanto conhecidas de mulheres comerciantes, realizam juntos ao nível do processamento de pequenos excedentes junto dos produtores e distribuidores e retalhistas e consumidores.

As mulheres que vão intervindo em diferentes níveis de distribuição e fases de comercialização, muitas das vezes acabam obtendo lucros de acordo em função da venda dos produtos, tudo a pé de consoante as funções de preenchimento na cadeia de comercialização de acordo permitida pelas diversidades de produtos ou mercadorias transacionadas e o acesso aos mercados. Em Bissau pode se verificar três zonas habilitadas para este procedimento, cujo as zonas são: **rural, urbana e suburbana**, onde os preços das mercadorias são diferentes e os lucros obtidos são diversos.

Este trabalho sobre dinâmica informal deu por evidência as formas de acesso a produção localmente como nas zonas urbanas procedem, nas ruas de Bissau, as *bideras* acordam (*corda parmanha*), entre às 5h e às 5h30min da manhã, ou, se tiver que deslocar para *lumus* (feira periódica), fora de Bissau, acorda ainda mais cedo. Algumas trabalham entre seis a sete dias por semana, dependendo de outros afazeres e ocupações. Mas considerando o asseguramento a regularidade do negócio, com risco de não perder o cliente, uma vez que ausência prolongada é risco para negócio.

Entre as *bideras* e *kulkaduris*, antes de sair de casa pela manhã, preparam uma pequena refeição do dia só depois apanha um transporte táxi, toca-toca (típico transporte urbano de Bissau), ou andando a pé que é o comum muita das vezes, até ao mercado muitas das vezes distante da casa, negociando o preço e a quantidade de mercadoria. Os mercados em Bissau (*feras*), se encontram em atividade as 7h da manhã e continuam, muitas das vezes, sem intervalo

para o almoço (*ora di djanta*), que é comprado no mercado das outras mulheres que vendem comida.

Segundo pode constar Patrícia Gomes (2006) em seu estudo, 245.965 indivíduos são abrangidos pela pobreza extrema, dos quais, 51%, são mulheres e 49% são homens. Constatase também que a pobreza extrema é muito mais alarmante nas zonas rurais do que nos centros urbanos afeta 11,5% da população, contra os 9,3% da população da cidade de Bissau (GOMES, 2006, p. 4). Estas mulheres invocando a responsabilidade e seus direitos enquanto mulheres, confirmado a independência dos indivíduos em relação a fenômeno social, essencialmente nos meios urbanos, onde o papel da família e o seio dos parentes é negociável no que se refere a liberdade na escolha da vida pessoal, quando ainda é crítico no tratamento de quem é de Bissau e quem vive nas zonas rurais.

Em alguns casos as mulheres seu papel social é jogado pelo consentimento no seio da família. Deste modo, dentro do variado seio familiar, a mulher (*mindjer*), moça (*badjudá*), dadas as condições financeiras para assegurar, desde muito cedo, na faixa etária dos 12 a 18 anos ou ainda mais cedo, aprende com mãe, tia ou parente, os encargos difíceis econômicos na família. Uma prática comum deste comerciante se proporcionar o início da atividade com tempo de aprendizado, quando se considera preparada começa suas jornadas de gerir sozinha seus negócios do seu trabalho, onde é obrigada a desenvolver novas modalidades de estruturação da família, da unidade doméstica e da responsabilidade de assegurar a subsistência familiar.

No entanto, finalizo este primeiro capítulo penso estes espaços e suas práticas como respeito ao possível seguimento a resultados econômicos de modo mais possíveis advindas de uma jornada árdua impostas anteriormente, porque como se tem percebido o presente vivido numa cidade em pequena miniatura por “fora”, mas por dentro dela é famosa numa dimensão onde cruzam e marcam trajetórias laborais num território como Bissau, onde pessoas que nelas congregam e advindas de vários cantos do planeta a todo custo, perfilando junto a esta mobilidade socioeconômica, que se justifica a modo de sobrevivência que está permeada por motivações e expectativas que levam as costas práticas sociais e que espelha os valores e as concepções de seus atores em relação a vida em sociedade.

4 CAPÍTULO III ATIVIDADE INFORMAL, DEFININDO BARREIRAS, BUSCANDO O INVISÍVEL

Neste segundo capítulo do trabalho irei me aproximar mais das histórias de vida de mulheres *bideras*, as quais nos fornecem informações sobre os processos dinâmicos de mudança social. Para tal, entrevistamos filhos/as de *bideras* ao possível estabelecer o universo de refletir a diversidade das experiências enquanto filhos/as (*fidjus di bideras*) em Bissau e suas vivências no Brasil. Para melhor apresentar ao leitor como a vida destas mulheres e seus familiares se organizam diante do trabalho com o comércio de Bissau, apresentaremos na abertura de cada sessão pequenos relatos biográficas, a partir das quais construo as análises de maneira dialógica.

4.1 MOTIVOS DO COMÉRCIO FEMININO (BUSCA *BIDA*)

Para muitas mulheres fazer *bida* (comerciar), não foi necessariamente uma escolha. Algumas começaram a serem socializadas desde cedo nas práticas comerciais (*busca bida*) acompanhando a mãe, tia ou avó. Outros casos ocorreram por necessidade, como alternativa econômica por serem tarefas que cabem às mulheres desempenharem dentro da família. Observa-se que o trabalho vai constituir-se num hábito por sua natureza, onde é possível explicar modos de vida e práticas comerciais das *bideras*. Porém, em muitos casos, se lançam neste desafio para gerar rendimentos, cuja a prática se assenta porque estavam solteiras, viúvas, divorciadas e mesmo casadas, mas que não podem contar exclusivamente dos ganhos do marido ou parceiro. Estas não são as únicas formas que levam ao ingresso das *bideras* no mercado de trabalho considerado informal. A este respeito Bibi Bakaré (2004), ressalta que apenas uma investigação cuidadosa poderia descobrir o alcance que as mulheres nestas sociedades africanas têm para a negociação deliberadores econômicas e políticas individuais em relação as diferentes famílias e linhagem (BAKARÉ, 2004, p. 4)

Figura 4 - Contemplando sonhos, pessoas, lugares, tempos e paisagens (Mercado *purtu canua*)



Fonte: Miguel de Barros/ <https://www.instagram.com/p/BzziexfpipF> . Acesso: (12/07/2019)

A história da N'baluta

Moro com a minha família na casa própria com mais dez pessoas, apenas mulheres, como você, fica, sinceramente não lembro de nenhum [risos], mas vamos, dos nomes consigo lembrar, mas vamos lá; em casa tem eu, minha, nossa mãe Mingas, Antu (irmã mais velha), Mari (irmã), Adi (irmã), Nhana (prima), Omingas (prima), Nete (sobrinha), Li (sobrinha), Winha (prima), Adi (sobrinha). Sou a mais nova dentre as minhas irmãs da mesma mãe (sendo Antu, Mari e Adi). Todas tem um emprego próprio como professora (Antu) e Nhana (Turismologa) e a Mari (estuda medicina) e demais primas e sobrinhas estudam apenas, não tem emprego. Antes da minha vinda para Brasil moramos juntos numa casa alugada de três cômodo..., mas hoje em dia não mais, algumas se casaram e tiveram filhos e moram juntos com marido ou parceiro. Bom, comecei a venda de peixe durante três anos antes de vir cursar o ensino superior no Brasil. Na altura estudava para ser professora na Escola Nacional de Formação Superior (Tchico Té) e trabalhava ao mesmo tempo sendo no período da manhã, acordo as seis da manhã e só depois lá para as sete e seis da tarde vou para casa preparar minhas coisas indo para aula de noite. Não tenho filho, apenas companheiro; estamos juntos há dois anos e meio. Levo meu trabalho a sério, faço a venda de peixe de diversas qualidades como corvina (curbina), bagre fumado, cachureta e por aí vai. Mas agora não faço, nem posso fazer isso aqui na Unilab/Campus de Malês, por conta das demandas como estudar e trabalhar ao

mesmo tempo não é fácil, mesmo sendo em lugares e tempos diferentes tudo é a mesma coisa. Comecei a venda por conta da minha prima (Omingas) que é vendedora de peixe há muito tempo, mora na região de Cacheu, (96 km) à Bissau, sendo 1h33min de carro. Acontece o seguinte. Minha prima negocia com um pescador (como o pai dela foi um desses, mas já falecido). Fecha acordo com esta pessoa de confiança da região, contabilizam e selecionam uma certa qualidade e quantidade de peixe a ser negociada provavelmente a mais procurada entre os consumidores na capital Bissau. Depois me mandam, que recebo essa quantia em baldes e vasilias (baldo, banhera), trazidos nos carros que ligam as região norte a Bissau. Todos os dias é assim, despacho esses peixes e depois vendo, num pequeno espaço fixo (banca), com parasol, cadeira e com tudo. Com o dinheiro do lucro envio o dinheiro com as mesmas transportadoras de peixe até Cacheu junto a minha prima que depois de recebimento da quantia contabiliza e dividi com pescador que o cedeu. Algumas vezes deposito o dinheiro na conta dela no banco e fico com minha parte da venda para meus afazeres e demais necessidades. Comercializo o peixe na feira de Tambarina (Bissau), nas proximidades de Feira de Bandim e bairro de Mindará, onde se encontra a feira. Era uma trajetória longa, além de sol e distância e demais imprevistos pelo caminho. Falando nisso as dificuldades são enormes ainda mais no tratamento e despacho do pescado no que diz respeito a conservação. Alugamos uma casa, nós bideras, nas proximidades da mesma feira, onde colocamos freezer (arca), no qual pagamos a conta da luz, gelo e a dona da propriedade que ajuda na vigia e manutenção do lugar. Numa quantia equivalente a 500 (quinhentos) francos cfa (3 reais e 40 centavos). É assim todos os dias se quiser que seu pescado não estraga e, muitas das vezes, entramos em contradição com dona casa por conta do pagamento e com os fiscais da câmara municipal de Bissau, que fazem cobranças absurdas. Ainda piora para nosso lado que vende peixes considerados de maior qualidade. Sofremos muito e tem sido assim ao longo de muito tempo. Acordo cedo porque trabalho de segunda a domingo, atraso um pouco por conta da missa, porque sou católica. Tenho que acordar todos os domingos as sete de manhã. Mas de segunda a sábado é a mesma rotina: acordar as seis de manhã e voltar para casa as sete da noite, às vezes. Ora, acontece o mais interessante...Como não tenho tempo para lazer que são poucas (risos). Existe um acontecimento muito a respeito sobre esse meu tempo da folga, que é sobre a maré que quando torna ruim ou digamos mudança da água que se chama na língua papel (urô), quando isso acontece os pescadores não pescam muito, menos recebo o pescado da minha prima para venda (risos) digo a mim chegou meu tempo de glória, não vou para feira, fico em casa, descansando e ocupando de outras coisas que não teria tempo quando estiver vendendo. Com outra mudança da água que dizem em crioulo (iagu sibibu), bom para pescado é que mais tem bom peixe para pescar e de bom qualidade. (N'baluta entrevista em 30 maio 2019)

Este aspecto suscita e motiva uma necessidade de referir aspectos características de uma família da capital Bissau, assumir a representação e o imaginário, que se relacionam com sua história, onde se enquadram as experiências participativa das mulheres. Como dito acima a vida de *bidera* surge por meio de diversos motivos, no seu aspecto mais profundo, a nível social e cultural, como formação econômica e política como meio acessível de conseguir algum rendimento, porque sua inserção não exige formação escolar para obterem rendimento. Mesmo sendo as mulheres o contingente populacional com os níveis de escolaridade mais básicos não consegue competir no mercado de trabalho formal com os homens. São poucas as mulheres, mesmo com educação superior que conseguem se empregar no setor público ou privado. Deste modo, a única saída para a garantir o rendimento e a sobrevivência pessoal e a familiar é atuar no setor informal do comércio (*faci bida*).

Assim as sucessivas reformas econômicas e as crises políticas e sociais interferiram de alguma forma nas despesas públicas, afetando o setor econômico e da empregabilidade ocupada essencialmente pelos homens, afetando as despesas e contribuição destes no espaço familiar, incumbida às mulheres com seu desempenho no mercado informal com papel relativo de contribuinte com seu papel de dono da casa (*dunu di moransa*) que dantes era ocupado pelo marido.

Ora bem, não é uma questão de substituir ou ocupar espaço do marido ou parceiro, uma vez que a todo momento é cada vez mais incerta e insuficiente a contribuição do homem para manutenção da família e da própria mulher e dos seus filhos. Mas apenas são justificativas que levam muitas delas a optarem por recorrer a este mercado informal, com o intuito de poder garantir de fato a autonomia no seio familiar quanto fora dela. A este propósito, Bila Sorj (2000), demonstra que a experiência das mulheres no trabalho é que foram muito convincentes em mostrar a existência de um estreito vínculo entre trabalho remunerado e o trabalho doméstico (SORJ, 2000p. 28). Estes e os demais motivos as atividades econômicas femininas são pautadas na busca por ajudar a família que não seja motivo para fazer vingar a sua decisão de trabalhar perante a opinião contrária do marido.

Em meio urbano para tentar compreender a inserção das mulheres no comércio, tem que levar em consideração ou, seja, a existência de várias dinâmicas que predispõe para estas atividades, mas também pensando as condições objetivas que a motivam, proporcionam e condicionam o comércio de meio e grande proporção enquanto atividades geradora de rendimento para estas mulheres. Em linhas gerais fazer os movimentos, andanças e ritmos do pulsar do quotidiano respondem pelas ações que costumam, motivam e proporcionam a fazer o que é necessário. Esta entrevistada é uma delas, mas também pensando as condições objetivas de forma convincente perante a sociedade fazendo dela demonstrar seu fazer acontecer e sua decisão pautada a buscar (*fasi bida*).

De uma geração de bideras

Sou católica, vivo com a minha família de nove pessoas, sendo quatro homens e cinco mulheres, no centro de Bissau, na casa própria no bairro de Pluba, ainda tenho outros familiares morando noutra casa no interior na região de Canchungo (71 km); meu pai chama Fergo e minha mãe de criação é Mata, meus irmãos(as) são: Ju (24 anos idades), Aram (20), Sana (21), Tita (30), Nandinha (32), Mó (20), Tó (31), Nurer (24). Detalhe, nem todos dentre meus irmãos somos da mesma mãe. Pode notar pela aproximação das idades (risos). A Ju pelo tratamento que os temos dado como a mais velha não pela idade, mas através dos encargos e responsabilidade. Ela trabalha como auxiliar administrativo numa empresa privada; Tó e Nurer são policiais militares. O resto apenas seguiu a carreira acadêmica. A minha mãe de criação Mata

(madrasta) a Ju nossa irmã mais velha, através dela comecei o comércio informal. Ela, a Ju, começou; há muito tempo está prática. Cresci vendo ela vendendo nos lugares público, principal no seu trabalho como suco, donete, sandes e etc. A minha madrasta além da venda é agente da polícia fiscal, no posto avançado de controle fronteira, mesmo no trabalho e nas horas vagas, leva seus produtos para seu trabalho. Em casa como o habitual desde há muito tempo ela monta sua banca na esquina da casa chamado “becu” onde expõe seus produtos como: limão, peixe, cebola, alho, tomate, djagatu... Eu cresci nesse ambiente e não podia lagar tudo que me viu crescer, desde criança aprendi que precisava de fazer aquilo, mesmo estando longe de casa, hoje no Brasil, antes vendias de bairro em bairro, em busca de clientela, tanto eu, minha madrasta e Ju, nunca vendemos em feiras. E a minha trajetória foi difícil acordar de madrugada, preparar todos produtos para venda e a rotina não é diferente do que fazia em Bissau. Com o dinheiro da venda ajudo na despesa da casa em algumas situações tive que de deixar de comprar meus pertences para resolver outras necessidades. Acontece que meu pai nunca quis que tanto eu, a minha madrasta, como Ju, que fizéssemos o comércio. Motivos ao fundo não sei, mas ele sempre foi contra. Como somos demasiadas teimosas (risos) estamos ainda nessa até então nunca paramos. Da mesma forma minha irmã e madrasta se alegam. Sendo aqui na Unilab, faço venda de roupa, tecidos calçados, tem sido lucrativo, contrário da produção anterior de pipocas, pasta de amendoim, balas, sucos, pastéis, geladinho. (Mistida, Entrevista em 24 maio 2019).

Por outro lado, este aspecto ou opção não implica a negação da generalização dos aspectos do processo do desenvolvimento econômico do país, através da adoção de estratégias social, econômica e política, o caminho definido por ela para alcançar ou recriar a sua identidade na definição de assumir a experiência que garante a total trajetória que encaixam com a história da sua mãe e de outros familiares. Claramente visível no fato de que tem que trabalhar para constituir seu potencial.

Nesta ótica se entende que as razões dos quais fizeram este impulso de tomar frente da decisão para início das suas atividades econômicas, contam-se duas vias de razões, a saber: a necessidade de complementar ou substituir os rendimentos insuficientes em casa, e a de prover suas necessidades pessoais (*cura mistida*). Comerciar e garantir o sustento revelam outras necessidades, trajetórias e patamares, que contam as raízes do nosso percurso que fazem os caminhos do nosso presente.

Segundo Nha Pati,

Comecei a aprender e buscar meus próprios sustentos. Já comerciamos um pouco de tudo: sorvete, legumes, verduras. Na esquina da casa e na feira de Bandim. O que a gente ganha com comércio é canalizado a sustentar a nossas despesas. E na época como hoje minha mãe faz parte de grupo de abota com essa finalidade. (Nha Pati. 14/05/2019)

Mas para mim serviu de boa iniciativa ser independente não depender de ninguém. Ora veja com lucro da venda, minimizei os encargos ao meu pai como aconteceu em algumas situações como na obtenção de material escolar, no tratamento da documentação da minha vinda para o Brasil.

Consegui comprar minha passagem com esse dinheiro. Mesmo depois de quatro anos o custo da viagem para Bissau, passar férias e todas demais despesas foi através

desse dinheiro. Isso me motiva e orgulho e me faz sentir ainda mais poderosa. Como é notável nunca parei de comerciar. (Mistida, 25 de maio de 2019)

Estas iniciativas garantem o sustento como, razão da economia falam perante a existência dessas mulheres. As despesas das *bideras* variam de acordo com os encargos, desde a alimentação, alojamento. Além destas suportam os encargos da escolarização dos filhos, bem como seu vestuário, a saúde e as atividades sociais, recebendo apoio majoritariamente de algum parente ou do próprio marido, de forma irregular e ocasional, que só custos mesmo sendo elevados na sua totalidade elas que custeiam com as despesas e entre outras pendências.

Invocando como um dos motivos, as razões pessoais (*cura mistida*), elencando diversos para o início das atividades geradoras de rendimentos (*busca bida*), motivos estes muito importantes no seio sociocultural, momento de vangloriar e se gabar do fruto do trabalho árduo. Entre as razões as mais frequentes é adquirir como possibilidades de obter o mínimo de luxo para si (*ronka curpu*), para os filhos e demais parentes; reunir roupas de top, panos *di pinti*, tecidos, joias e entre outros artigos de luxo que são fontes de prestígios quando estão em locais formais ou informais ostentando (*balur dimindjer*), e festas, cerimônias, e demais ocasiões.

A importância deste fato custa as relações de gênero a flexibilidade do sistema, permite abrir vias e mecanismos que permitem a construção de um papel neutro e *status* no qual elas se sentem a desenvolver e desempenhar suas funções e exercendo seus direitos, enquanto mães, tias, primas, avós, esposas, estratégias econômicas que tendem a usar como instrumento de atingir e promover ascensão social e política.

4.2 BUSCA BIDA EM BISSAU: NARRATIVA TÃO VIVA E VIVIDA, CAMINHOS E SOLUÇÕES

Além do nosso campo de pesquisa, a cidade Bissau é um espaço de atração em diversos sentidos e aspectos pelo seu vasto campo de investimento. Sua relação com *bideras*, pauta nessa visível ligação no investimento, tanto na forma de aquisição de bens e propriedades como nas multifacetadas. A sua situação negocial com possibilidade de implantação de uma economia informal a motor de desenvolvimento possível de criar o poder, a prática de um complexo sistema de relações sociais, que obedece a uma espécie castigo/recompensa através da sua vasta rede de redistribuição de rendimentos que se revelam no desempenho das funções.

São vantagens no entendimento do que é importante viver em Bissau, primeiro ter acessos a maiores rendimentos, cuidar dos filhos e melhorar sua educação. Uma vez a capital Bissau concentra em tudo que representa do mais qualificado centro hospitalar, escolas e

sistema de saúde e a oportunidade de valorização e acesso a informações e meios de serviços de consumo. A cidade de Bissau é um espaço sociopolítico nela muito se discute o fato de ser moderno e o sentido do desenvolvimento através da sua trajetória histórica. A Paula Pinto (2009) afirma que:

Essas **estratégias socioculturais**, por meio das quais **os grupos dominados procuram negociar a continuidade dos seus valores e uma inserção mais equitativa na sociedade global**, e que estruturam a economia do conflito, pela apropriação criativa dos modelos vigentes e ressignificados, é recorrente a vários contextos geográficos e históricos. (PINTO, 2009, p. 61).

Assim são visíveis ao mesmo tempo as vantagens e desvantagens, por isso as *bideras* escolheram dedicar suas vidas em Bissau, por esta e demais vantagens indicadas diz respeito a investimento e rendimento e maior possibilidade de assegurar uma vida melhor, acesso a novas relações sociais. Buscar vida no meio urbano como meio fluido onde papéis e relações sociais são renovadas e inovadas, maior desempenho de desenvolver estratégias individuais, autonomia econômica e social no autocontrole do trabalho e seus rendimentos. Relevante quando este desempenho de funções e seu sistema de relações sociais obedece e traz a luz possíveis conflitos. As mais ou menos concretas que mostram, sobre as características particulares e concretas dentro do seio familiar.

Nascido e criado na bambaram de bidera. A história da Nha Pati

Bom! Sou evangélica, estudante, cursando história, moro em Bissau, bairro bandé, zona 3, moro com a família numa casa alugada, sendo eu (23 anos), minha irmã mais velha Ciete (29 anos), Myri (26 anos) e Dániva Mida Lopes (16 anos). Todas filhas da Nha Angela di Djiba, bidera, há vinte e sete anos. Então com meus nove anos de idade comecei a dar suporte a minha mãe, costureira. Ela sempre me disse filha aprende a ser independente e seja dona de si mesma. Desde então fiquei com isso na cabeça. Minha mãe costura em casa. Compra os tecidos na mão dos djilas, muita das vezes desloca para exterior no caso nas cidades vizinhas como Dakar e Banjul. Na verdade, ela começou a costurar tecidos por conta da sua irmã mais velha, mas sério, não lembro quando e como foi esse processo ela nunca me explicou detalhes mas foi um bom tempo atrás antes de eu ter nascido (risos). Nunca tirei satisfação junto dela. Nasci e cresci vendo ela costurando roupas. Lembro que perante as dificuldades ainda hoje existente. Por conta de mudanças que tem ocorrido morando aqui, mora ali, percebe. Um dia usufruímos de condições do tipo financeiramente estável, tínhamos empregada, carro, casa do tipo vivenda e tudo mais. Meu pai que dava tudo mesmo assim minha mãe não assimilava bem com isso. E procurava sempre sua autonomia mesmo nessas condições. Fazia seu comércio mesmo tendo pai brigando por conta disso. Vi tudo isso a minha volta mesmo sendo muito nova na altura. Sabe, uma criança no meu caso não sabia lidar com mudança radical que tivemos, quando as coisas começaram a mudar, perdendo um pouco de tudo o que tínhamos, no caso aqueles bens materiais, mordomias e por aí vai.... Tivemos que mudar de casa, do bairro e as coisas mudaram completamente. O que me deixava com vergonha e

limitada.² Não saia de casa, para as pessoas não gozaram de mim dantes bemsucedidas que éramos agora não. Por conta das mudanças sociais que nos caracterizava, ou seja, do bom emprego para atividades próprias a informalidade, acabando deixando a família buscando melhores rendimentos, quando o modo “formal” nos dava tudo, sendo meu pai alto funcionário público do estado. Foi difícil e pesa minha consciência. Minha mãe como se soubesse que um dia desses chegaria. Nunca abriu mão sempre pegou pesado nessa questão de aprendendo e desenvolvendo habilidades na busca do seu próprio sustento. Ela costumava renda, vende sorvete, mango firbido (manga cozido na água fervente) entre outras variedades de coisas. A minha irmã Ciete, por algum tempo vendeu água, donete, sorvete, mas com tempo teve que parar por conta do seu trabalho profissional como professora. De mim sempre tendo minha mãe como referência sempre dando apoio moral até financeira em muitos casos na compra de matérias. Os nossos ganhos iam para suprimir as necessidades básicas em casa, sabe, justamente fazendo da minha estabelecer contato com diversos modos de melhorar as nossas condições de vida, e meu pai seu apoio nesse sentido era a migração podia dar conta das nossas necessidades, M’ba, seu nome, deixando minha mãe nessas condições buscando sua autonomia financeira, qualificação profissional, enquanto costureira, dada a situação econômica do país mesmo com dinheiro que ele manda no caso todo mês não conseguia cobrir as despesas com alimentação, moradia, com estudos. A Myri estuda numa escola privada de contabilidade, caríssima; a Dativa, caçula, idem... Eu aqui quase na mesma condição. O custo de vida nas alturas... O que a gente ganha com comércio é canalizado a sustentar a nossas despesas. E na época como hoje minha mãe faz parte de grupo de abotas com essa finalidade. Ora desde minha vinda para Brasil tive que abrir mão de fazer bida. Me estresse não por conta de ter aquele ganho exuberante mas aquilo faz parte da minha vida e gosto daquilo que faço as coisas que produz não estão vendendo mais. Considerando o tempo que gasto entre Universidade e ofício não tem compensação. Dantes em Bissau, era outra coisa e tinha mais ganho, tempo e dinheiro. As pessoas compravam e valorizavam meu trabalho. Da minha mãe nem falaremos, até pessoas de alto escalão do bairro e cidade de Bissau, comprava suas roupas, ia para ministérios do governo, grandes empresas, altos funcionários, comprava tudo dela e fazia muita diferença. Meu ofício veio do nada, sabe, fazia parte do grupo de evangelização de lá, comecei a frequentar os acampamentos e participar nas campanhas de pregação. Gasto dois dias em alguns casos mais difíceis da produção gasto mais três horas ou mais. Tem momentos que começo de manhã só término de noite. Costuro renda, fazendo trança da linha, só depois que colono no chinelo substituindo a corda. Faço de vários tipos como macramê, renda normal, buraco liso tudo feita a mão. (Nha Pati. 14 de junho de 2019)

Não que a tradição de “boa vida” a impedira, mas Nha Pati devido as mudanças da ação humana e por todas concepções infantilizantes que tivera, justifica-se a exigências de levar o protagonismo de assumir a sua responsabilidade a rebelar-se, observar e aprender com a economia e técnica que sua própria realidade lhe impõe.

As desvantagens são inúmeras toda cidade grande como Bissau o custo de vida é alto, considerando alojamento e a insegurança econômica, contrário da vida no campo (tabanca), as desvantagens nem sempre os indicadores apontam por esse meio, considera mais calmo e seguro. Contrário dos muitos julgamentos consideram a vida na tabanca árduas, além de ser consideradas “atrasadas” (*tabankero*).

² Acanhamento, constrangimento, num beco sem saída.

Comerciar e criar os filhos por meios de várias demandas que a vida da cidade impõe. Seguramente o social e a vida urbana profissional torna significativo respostas a responsabilidade que correspondem a realidade, o papel de ser *fidju di bidera* na influência de seu encargo e seguro na prática desses desafios. Ser e viver, este desafio é preciso construir novas rotas para desembarcar em novos horizontes as correntes de empenho e sofrimento que deságuam no mar da esperança. O Mandé o soube aproveitar de certa forma.

Dura realidade da vida profissional e suas respostas.

A história de Mandé

Eu com (30 anos) desde muito cedo fui de prestar auxílio a minha mãe de nome Nené, a comerciar juntamente com minha madrasta acontece que meu pai Baba, funcionário público, seus ganhos não compensa com as despesas em casa. Dentre variedades de produtos que minha mãe vende, desde carvão, mango, mancarra, fazia com que minimizasse as nossas necessidades com escola, alimentação e tal. Desde Mansaba, região proveniente começara a comerciar, mas com sua vinda Bissau, após ter casado com meu pai. Percebi que precisa fazer aquilo para ajudar ela no seu dia a dia, sabe, por que isso me sustenta. Tive que ralar muito desde cedo ainda criança. Vendo de bandeja na cabeça de casa em casa indo de bairro a bairro com mango, ora mancara. Também vendi lenha e carvão, cresci e vivia nesse ambiente seria injusto ficar fora disso. Outrora vendíamos em paragens de carro, estacionamentos, escolas, locais públicos, praças... Tive pequena mercearia em casa. Fui de vendedor de roupa na fera de Bandé, juntamente com meu irmão mais velho. Na altura já crescido se tornando homem grande. Minha mãe fizera de bidera há trinta anos. Percorrendo quilômetros de estrada, alcatroado, terra batida, de viagem entre Bissau e cidades de interior, norte, sul, leste. Buscando para revender óleo de palma, carvão, lenha, feijão, mango, sal, batata... Vejo de alguma forma que aquilo não era para conseguir fortuna, mas ter mínimo de sustento. Como cedeu no episódio que me marcou bastante. Meu pai ficou desempregado, preso por um ano. Todos encargos recai sob responsabilidade da minha mãe, teve que dar várias voltas para nos sustentar. Mesmo por conta de todo esse episódio nunca tive que interromper meus estudos. Sempre focando nos objetivos de tudo para cumprir meus deveres. Comercializei gasolina, dando suporte a minha mãe revender peixe, gelo (barra e escama) em Bissau como no interior do país. Nunca senti complexado por isso, mesmo pelo fato que me tirava tempo, momentos de lazer além de ser cansativo. Mas valia a pena por que precisava fazer aquilo, ajudar minha mãe nunca é demais. Vim de uma família enorme com quarenta pessoas em casa, sendo primos, tios, tias e parentes vindos das zonas de Mansabá e Farim, para estudar e aprender ofícios em Bissau, no bairro de Cuntum, casa própria construída em 1986. Sendo irmãos e meios irmãos são; Mine (38 anos), Mina (35 anos), Issa (32 anos), Buba (25 anos), Ussu (21 anos), Iafalé (15 anos). Meu pai fez ensino primário na sua cidade natal no interior (Salquenhé) estudou lá, fez ensino primário, foi para Bissau concluir ensino médio e superior acabando por concretiza-la em Cuba. Sinto a necessidade de continuar o que minha mãe faz até hoje, mas o tempo não ajuda, fica difícil dividir com vida acadêmica, estou engajado nesse sentido com foco na carreira acadêmica e por aí vai [risos]. Mas confesso que não foi e continua sendo difícil sendo filho de bidera, através da rotina e na forma de estar perante a sociedade. Sufri por isso, mas não arrependo de fazer parte dessa. Ora veja as minhas despesas com vida para Brasil, foi graça minha mãe com dinheiro da venda economizada consegui comprar passagem e suprimir outras necessidades. Amina minha irmã hoje casada parou de estudar há muito tempo, por conta desse fato os desafios e dificuldades da vida. Nunca vendeu diretamente mas viveu disso. Tanto o quanto o Mine que mora

atualmente na Europa. Idrissa, por conta da deficiência física não conseguiu desenvolver qualquer atividade que exige esforço físico, os demais irmãos continuam nas escolas e seguir a vida. (Mandé, 15 de junho de 2019).

Esta tendência tem proporcionado motivos e a oportunidade de rendimento para o estabelecimento de base voluntária e igualitária no seio familiar com posições de interesse pautada na hierarquia das estruturas de parentesco, uma vez o entrevistado, por um lado, do outro lado a sua mãe e familiares, mas socialmente, têm motivos e propósitos em comum, com criação e recriação de meios de interesses a atingir para sua autonomia e individualização. A esta estratégia com base de proporcionar diretamente com estrutura organizativa de promover os interesses. A cidade de Bissau é considerada na sua representação como lugar, por excelência da ponderação e da oportunidade econômica e social. Mesmo no seu sentido de “caro” viver em Bissau, já basta como vantagem no que tange acesso a meios de obter lucros e investimentos pelo estabelecimento de sua rede de relações sociais, autonomia econômica e relações extra-familiares.

Finalizo este capítulo afirmando que a vida de *bideras* é taxado na responsabilidade com visto angariar meios de subsistência, nem sempre neste âmbito de obtenção de rendimento monetária, mas com a responsabilidade de firmar a relação familiar, com o acesso à autonomia econômica e poder social. Enquanto caminha na valorização do trabalho e seu crescente planos estratégicos. Na medida que buscam mais redes sociais alargadas que lhe permitem participar tanto na vida trabalho como doméstica.

5 CAPÍTULO IV: MANDJUANDADIS, ASSOCIATIVISMO, ABOTA, INVENTÁRIOS CULTURAIS FEMININO

Neste terceiro capítulo desdubro sobre o protagonismo das *bideras*, no que concerne ao desenvolvimento sustentável e bem-estar, social, econômico da Guiné Bissau. Das responsabilidades que as mulheres assumem no protagonismo, sendo as principais responsáveis pelo funcionamento e atividades da associação das mulheres de atividades econômicas e que o cargo feminino. Dentro de uma estrutura hierárquica muita das vezes composta por mulheres e mais mulheres. Assim, dando elas possibilidades de explorar, estrategicamente, as normais sociais em favor da sua própria autonomia social, testemunhando a sua capacidade de organização autônoma e a potencialidade endógena de mudança nas relações entre os gêneros.

Entre várias denominações dadas ao termo *mandjuandadi*, sem negligenciar seu princípio lógico que é de pensar o coletivo, com fins de atingir o bem comum em todas as esferas do nível social da vida humana. De tal e qual vai ganhando semelhança na sua forma de categorização entre várias coletividades nas línguas étnicas locais que tanto almeja a realidade guineense. Seu significado em crioulo utilizada o termo Mandjuandadi (significa mistura).

Segundo Maria Odete Semedo (2010), aborda a origem das mandjuandadis como nos centros urbanos atrelada à estratificação social imposta pelo sistema colonial português. Porém, as mandjuandadi sempre existiram como grupo de pessoas da mesma idade que se organizam para realizar trabalhos na aldeia, atividades como a preparação do campo agrícola, a colheita e a cobertura de casas. Essas organizações comunitárias acompanharam ao longo dos tempos o desenvolvimento social dos locais mais recônditos do país.

O que podemos problematizar aqui nesta parte do trabalho são aspectos da vida social que abordam associativismo das *Mulheres Bideras*, desde que mandjuandadi por vias de regras são pessoas da mesma idade, da mesma estatura, da mesma geração, idêntica igual, semelhante, com direitos e obrigações equivalentes. Porém, de forma mais precisa se desconhece sua origem, do seu significado, bem como época do seu surgimento. O que nos interessa, entretanto, é a forma endossado para dar entendimento em alguns aspectos sobre propósito dessas mulheres organizadas coletivamente no quadro do comércio informal, usando das normas e critérios frente as reivindicações políticas e social, com agenda cheia frente ao teatro governamental jurídico.

Esta comunidade vai se organizando e deixando explícito o momento da narração de histórias, como agentes no sentido de divergir e consolidar sobre o real significado do coletivo (mandjuandadi), cujo foco das mulheres são estratégias elaboram para sobreviveram e

promoveram a sua mobilidade social, com fins de lutar contra pobreza, desemprego que a sociedade e os homens lhes reservam.

A dinâmica destas mulheres começou nas décadas de 1990, cujo contexto está fincado na contribuição e protagonismo que remete ao papel na economia nacional (local) e para sua participação nos processos de desenvolvimento no país. Assim elas organizam mesas, reuniões, seminários e encontros, palestras, e entre várias cooperativas de desenvolvimento com interesses específicos elaborados nas teorias, conceitos e práticas acerca da integração das mulheres no desenvolvimento e seus efeitos naquele espaço ou situação específica forçando o Estado, governo e poder local, na perspectiva liberal de orientar os programas de desenvolvimento com agências internacionais, sub-regionais, locais e das organizações não governamentais, com proposta única dentro de uma correlação positiva para o desenvolvimento capitalista do país onde a participação da população feminina, acentuando a importância da autonomia individual, do grupo ou coletivo, desafiando as relações familiares patriarcais e contribuindo para a emancipação feminina.

Alimentado pelo passado recente de que as mulheres em particular enquanto grupo vulnerável, pobre, passivo, dedicado a atividade doméstica e reprodutiva cuja as propostas de luta é ultrapassar esses episódios das análises pejorativas acerca das mulheres guineenses.

Segundo a antropóloga social Maria Borges,

O sector informal de Bissau revela, no entanto, como as mulheres souberam encontrar novas oportunidades de ascensão social e econômica, no quadro de crise que caracteriza a sociedade actual guineense, fazendo uso de modelos tradicionais e exógenos de forma sintética e informal, fortalecendo a sua posição social, através de processos de hibridação criativa, fazendo uso oportunístico da pluralidade cultural e jurídica existente, de facto, na Guiné-Bissau. A tão propagada «feminização da pobreza» corresponde, a nosso ver, ao preconceito vitimizador da mulher, que pretendemos negar. (BORGES, 2000, p. 12)

Que o papel familiar, produtivo da mulher nesse contexto não deve a concepções e muito menos ser igualadas a profissões ditas masculinas, acusando o alto escalão dirigente e a sociedade civil no geral, de desprezo pelos papéis socioeconômico e culturalmente construído pelas mulheres, fundamentado a falta de interesse da classe política, e elite política nas opções e programas de desenvolvimento econômico, e total culpado e responsável pela marginalização econômica e política das mulheres.

Estas mobilizações e diversas manifestações da classe política das mulheres e suas severas críticas parte da necessidade por solicitar, cada vez mais, a participação delas na produção de mecanismos e oportunidades de ampliação dos trabalhos, particularmente nos

setores agrícolas feirantes, com orientação ao desenvolvimento na troca e venda dos produtos nos mercados nacional e internacional. Como sua integração no discurso e prática desta perspectiva de desenvolvimento, na base de respeito as diferenças os problemas locais, permitindo entre várias iniciativas o dinamismo da sociedade civil em todos os campos, políticos, social, econômico e também organizativo, essencialmente na luta contra a crise econômica e dos constrangimentos que se infere no bem ou mal (no esforço pelas diferentes situações e percepções acerca das suas necessidades e interesses), enquanto mães, esposas, irmãs e filhas, da vida urbana que tornam necessário e viável ao desenvolvimento de estratégias, visando ampliar o espaço de sociabilidade dos atores sociais buscando visibilidade e aproveitando novas oportunidades e direitos.

A certa altura de negociar predisposição para se organizar segundo os princípios de filiação individual e voluntária, mesmo sendo a consequência do seu dinamismo fundado nos costumes das pessoas reunida na família com interesses de construir e buscar reconhecimento de fortalecer exatamente e manter as obrigações de venda por duráveis tempo.

A minha mãe é bidera, muito embora como falei dantes, fui inspirado pela minha prima, ela que me incentivou a fazer o comércio por vários motivos. Muito embora minha mãe também comercializa há muito tempo. Só que ela vende um pouco de tudo e variedades de produtos como: carvão, óleo de palma e etc. Apenas em frente da nossa casa montando sua barraca e uma pequena mesa nunca vendeu em feira. Aos poucos fui adentro desta iniciativa que mais tarde senti confortável e necessário. Ora tive no grupo de abotas que mais tarde tive que abandonar por iniciativa própria. Tanto minha mãe como irmã não se queixaram por que tinham seus grupos a parte. Fui de desenvolver técnicas e aproximações com transportadoras de peixe de Cacheu a Bissau, no caso pagando taxa menor em relação as outras. Fazendo ciúmes entre outras bideras, por que sou assim de fazer amizade na certa onde saio beneficiando. Mesmo pela qualidade e quantidade de peixe, qual tinham seu valor específico e era das mais altas. Acabo pagando valor mais baixo. Como fiz amizades com clientela tem algumas antes de virem para feira me ligavam perguntando do que tinha a venda. Fui de fazer parte de grupos de mandjuandadis e associações de bideras, tive que abandonar por motivos pessoais (risos) fui mudando de grupo para grupo as vezes fico por mais tempo algumas não (risos), sou um pouco de todo lado. Mas realmente era bom fazer parte daquilo inclusive abota (dinheiro que me ajudou em muitos momentos tanto o quanto minhas amigas da feira) e esses momentos lúdico, fazia a gente sentir especial pela aproximação e empoderamento. (N'baluta. 30 de maio de 2019)

O sentido explicativo deste processo instaura exatamente a relações sociais duráveis e seu mantimento, o trabalho como mecanismo de empoderamento e suas vantagens de vários tipos através da mobilização que visam tácticas sociais.

Segundo Bila Sorj (2000), esta iniciativa de criação do mercado de trabalho dependeria não apenas do desenvolvimento tecnológico, mas também da acumulação previa de riqueza e de recursos, bem como da proletarização de amplos grupos sociais. Dentro do espírito

associativo inserem-se um incipiente movimento de construção de uma identidade social, apropriando de modelos das associações, funções de expressões a partir de modelos africanos (locais) educados, sobretudo nos centros urbanos. Relações essas pautadas na interajuda e solidariedade que se estabelecem nas *mandjuandadis*, e as relações de amizades tradicionais estabelecidas de forma ritualizada entre mulheres. As relações são mantidas através de um código de comportamento estrito, instaurando uma relação transformadora e duráveis e estrategicamente maleáveis entre as mulheres *bideras*.

Estas relações geralmente se consolidam entre as mulheres de mesmo grupo étnico, mas hoje nos dias atuais, inversão dos papéis sociais, com base nas relações afetivas. As afinidades entre as mulheres *bideras*, concretizam-se na partilha de alimentação, interajuda nos trabalhos. É notável, de vez em quando vestirem-se de igual, e trocarem toda a espécie de serviços (empréstimo monetário), assim como partilharem tempos livres e lúdicos, formando grupo de “kamaradia” fortemente solidários e apegados um ao outro. Pode-se considerar que esta relação inicialmente estritamente pessoal, teria influenciado as iniciativas associativas, fundadas em idêntico princípio, de seletiva escolha das relações de solidariedades e interajuda.

O PAE (Programa de Ajustamento Estrutural) mudou consideravelmente os hábitos de consumo familiares da população guineense, pois os produtos industrializados que foram introduzidos no mercado desempenhavam um papel de grande relevância, neste processo. Na medida em que quase a metade dos alimentos consumidos eram industrializados/importados de países da sub-região e na Europa, e se encontravam no mercado. As mulheres conheciam um novo sistema de produção de consumo de subsistência familiar marcando o lugar onde realizam compra de óleo industrializado, cebolas, legumes, as frutas, o peixe, os alimentos de consumo básico da família, e vendiam produtos de origem agrícola mandioca, inhame, malagueta, alface, pimenta, batata-doce e outros.

Fora fundamental a criação de estratégias associativas de mulheres *bideras*, diretamente relacionadas com a estrutura de poder e assimetrias de gênero locais, cuja iniciativa nas quais as associações de *bidera*, proporcionar as bases organizativas, para promover seus interesses econômicos, sociais, políticos das mulheres. Este dinamismo associativo se faz a bastante tempo dentro de uma perspectiva lúdica africana, costumeira herança significa como a sociedade atual reproduz a tamanha coincidência entre o dinamismo associativo das mulheres e a discrição das trajetórias do seu papel historiográfico nos processos de decisão pública e política.

Segundo Patrícia Gomes (2013), o processo da liberalização econômica e a sucessiva abertura política tiveram importantes repercussões na vida econômica e social das mulheres

guineenses. Em 1992 foi criada em Bissau, a Associação das Mulheres de Atividades Económicas - A.M.A.E, a primeira organização de mulheres de atividades econômicas criada em Bissau, cujo principal objetivo é a promoção e a valorização dos produtos agrícolas e artesanais, através do mecanismo da poupança e da solidariedade.

Grosso modo este quadro tem se modificando e ganhando número crescente de associações, grupos de mulheres em pequenas e grandes organizações associativas, visando instaurar e manter as relações sociais diretamente utilizáveis, duráveis, através nomeadamente da troca de dinheiro, trabalho ou tempo.

A partilha e distribuição cíclica de receitas nos chamados “grupos de abota” um aspecto das mandjuandadis, constitui uma base fundamental para a colaboração de mulheres em atividades comerciais. Na sua coesão e flexibilidade demonstram uma capacidade de gerir e abrir espaços sócias através de atividades remunerativas coletivas que, incentivadas pelas repetidas desvalorizações da moeda nacional, se estendem ao comércio trans-fronteiriço e de longo curso (Havik, 1995, p.35)

O que acontece é que o sistema de “**abota**” tem ajudado e muito as mulheres que passam muitas dificuldades no sector comercial, o que se deve à falta de apoio, sobretudo meios financeiros, a insuficiência das agências estatais de prestações de serviços e as instituições de créditos, apesar de existirem (2000) vários pelo país, sequer respondem-as preocupações das mulheres. Segundo Hipólito Mendes (2016), na sua dissertação sobre mulheres vendedoras na Guiné Bissau, enfatiza as dificuldades que estas mulheres perpassam no sistema de concessão de crédito, como podemos ver no trecho em destaque abaixo.

O sistema de microcrédito não é suficiente ou quase ineficaz, por algumas razões as mulheres têm assegurado seus negócios por autofinanciamento em pequenos negócios. Contudo existem agências bancárias comerciais, mas não financiam as pequenas iniciativas, talvez por carência de garantias que muitos Bancos as vezes exigem dos devedores para futuras consequências. Outro fator de entrave é a elevadíssima taxa de juros cobrados pelos Bancos, com pouco volume de negócio condiciona-as a não recorrência à concessão de créditos. É comum na Guiné-Bissau de encontrar em outros casos, entre os parceiros (cônjuges) associarem e autofinanciam-se microempresa mesmo com a gerência da esposa. Alguns recorrem empréstimos aos amigos (as), famílias de confiança com o propósito de devolução sem juros. Casos como este quando na demora de devolução (pagamento) gera conflitos, a resolução poder ser por via amigável ou familiar conforme o caso alguns até judicialmente (MENDES, 2016, p. 59)

Para viabilizar esta carência financeira e do sistema de crédito, estas mulheres recorrem a “abota” (cotização) que organizam em pequenos grupos de 2, 4, 6 á 10 membros em forma de consórcio estipulando um teto de contribuição, em que cada final de mês uma recebe o valor total. Maria Borges apud Van Der Vaeren (2000), aponta que o seguinte grupo da

«abota» agrupa um número variável e instável de membros, recrutados a partir de interesses financeiros individuais de poupança, com base em relações de confiança mútua, de vizinhança e principalmente de trabalho. O número de participantes numa abota é instável, mas nunca muito elevado. Num grupo de abota a finalidade da poupança realizada é individual e esgota as atividades do grupo, constituído exclusivamente para esse fim. Apenas uma lógica como está nos remete a confiança e solidariedade, cuja finalidade implica a construção de uma relação social, verdadeiramente que emprega o sentido de associativismo, integração, autoajuda, aprender a viver com outro sem laços de parentesco, contribuindo para desenvolvimento mais eficaz das relações interpessoais.

Minha mãe, participa nas abotas, foi muito importante com esse dinheiro dava para minimizar (cura mistida) ou seja, fazendo várias outras coisas, conheci de perto esse processo. Em muitos casos senti inseguro dela guardar certa quantia em dinheiro em casa não confiar no banco sendo encarregada de recolher essas quantias do grupo de abota como atribuir valor a outra pessoa. Como usufruirmos dessa conjuntura financeira, ajudou minha manutenção na escola, na alimentação, no deslocamento para o interior do país na compra de passagem como na compra de produtos para revender, como carvão, lenha, roupa... (Mandé, Entrevista m 15 de junho de 2019)

Esta qualidade intermediária de fato faz uma ligação que motiva as relações além consanguínea, com funções de meio possíveis de atingir os objetivos preconizados. Assim os grupos formados dependem muito dos seus critérios de adesão e normas baseadas nas suas atividades em exercício a sua atividade, após um ciclo de poupança/crédito podem findar as atividades e reiniciar outro ciclo, com os novos participantes ou outros novos. As somas entregues a cada uma das participantes dependem da soma entregue na partida, multiplicado pelos números das pessoas envolvidas.

Normalmente estes fundos são de montante de grande e pequena dimensão dependendo dos seus membros e critérios adotados, acontece que não fazendo uso de qualquer taxa de juro. Ajuda no mantimento de boas relações sociais entre os membros, sem prejuízos, acontece atrasos nos pagamentos do ordenado, mas que acaba sendo compreensível se tiver justificativa, muitas das vezes sem reuniões, apenas em casos de emergência e no caso de grandes tomadas de decisões, uma vez que o sistema opera no segundo uma lógica financeira individual. E a medida serve para associações e grupos formados. E estas associações e grupos de pessoas, são representadas como “instituições intermediárias” que congregam e respondem por diversos cursos rotativos dentro de um processo de conversão de diversos tipos de capital. Estas associações, no seu todo, são verdadeiras promotoras de acesso de uma rede de relações

sociais, tanto que facilitam a apropriação e acumulação do “capital social” que, por sua vez, pode ser convertida em capital econômico.

Em Bissau, segundo Maria Borges apud Duarte e Gomes (2000), este sistema parabancário informal está muito popularizando, e um estudo sobre o sector informal na GuinéBissau, estima que 80% dos empreendimentos econômicos (produção e comércio) são financiados inicialmente com capital acumulado através do sistema de abota (Duarte & Gomes, 1996, p. 110).

Contudo em Bissau, são os comerciantes que mais praticam este sistema de financiamento informal. Sobretudo as mulheres *bideras* com rendimentos fixos e assalariadas, muitas das vezes, detentoras de capital consegue investir neste sistema de poupança e crédito. Nos estudos da Patrícia Gomes (2006) enfatiza que o mecanismo adaptado pelas associações e afiliadas á cooperativas é o “abota”, ou seja, uma estrutura informal criada de forma espontânea por um grupo de pessoas, que funciona como uma espécie de banco poupança, em que as poupanças recolhidas num mês são atribuídas a um dos membros, de forma rotativa, em função de uma lista acordada e aceite (GOMES, 2006, p. 11)

As relações de amizade e confiança são fundamentais para o êxito das abotas, e a líder normalmente é uma mulher mais velha (*alguim garandi*) ou com influência (capacidade de liderança ou com reputação de comerciante), e é da sua responsabilidade que os membros cumpram com as entregas regularmente. Geralmente reúnem-se de acordo com número de membro participante de mulheres, que se conhecem do local de residência ou trabalho. A avaliação de um novo candidato baseia-se na sua reputação social, como indivíduo honesto, e na convicção do seu empenho na prossecução das finalidades do agrupamento.

Por fim, o dinheiro da poupança, recebido rotativamente, por cada uma das mulheres, é utilizado individualmente. Pode ser gasto como complemento do orçamento familiar, pagando as despesas de uma alimentação melhorada, as despesas com vestuário e material escolar, ou como forma de realizar o capital necessário para investimento no comércio³ permitindo rentabilizar o trabalho das mulheres. Outras vezes as participantes juntam o dinheiro, assim obtido, às outras poupanças pessoais que servem para pagar as despesas extraordinárias com a aquisição de panos *di pinti*, ou mesmo para financiar a aquisição terrenos urbanos, casas, e carros de aluguel.

³ Expandir os locais de venda, comprar a mercadoria em maior quantidade e mais barata, adquirir freezer frigoríficas, entre outros bens.

Estes sistemas informais de financiamento contribuem de forma significativa, para tornar possível às mulheres investirem no comércio, mas também suportam os custos da escolarização dos filhos e as despesas de saúde, e mesmo melhorias do espaço doméstico.

A estreita relação que se estabelece entre características pessoais dos empregados e sua adequação ao trabalho transforma traços como aparência, idade, educação, gênero e raça em potencial produtivo, de tal forma que características e competências individuais são a condição mesma da empregabilidade. (Sorj, 2000, p. 30)

Delimitam-se, deste modo, os atributos que convergem para definir a abota; utilização de processos de cooperação e interajuda, visando objetivos estritamente financeiros. Estas características permitem interpretar a aderência a estes agrupamentos como estratégias de autonomia das mulheres, pois promovem a independência econômica e o estabelecimento das suas próprias redes sociais de apoio.

5.1 SENTIDO DE MANDJUANDADIS E ABOTA

Os grupos de *abotas* respondem essencialmente na forma de poupança/crédito, outros grupos como *di mandjuandadi*, *djumbai*, respondem da mesma forma de poupança mutualista, a partir de quotização periódica ou ocasional, propõem assegurar a realização de atividades cerimoniais familiares e/ou outras de fins lúdicos e de solidariedade social.

Estas variadas associações, grupos *di sintados*, *kamaradia*, sua orientação é marcadamente social e manifesta-se essencialmente nas ocasiões de atualização e estreitamento das relações sociais como sejam repastos festivos, cerimônias familiares, festividades cíclicas, ou seja, pontos altos da sociabilidade nos bairros populares de Bissau.

Apelando à partilha de experiências, intuítos e necessidades de um grupo de mulheres residindo no mesmo bairro, da mesma feira, assim por diante. Esta associação baseia-se na amizade e na confiança estabelecidas nas relações de vizinhança para suprir as aspirações recreativas dos membros e prover às necessidades financeiras dos membros, nomeadamente para apoiar a execução das cerimônias familiares ou ultrapassar algum problema. Constituída para responder a interesses partilhados por um grupo pluriétnico, com incumbências nas atividades lúdicas e de proteção social, a principal diferença entre esta e as primeiras associações mencionadas (étnicas) reside, especificamente, no fato de não se propor a realização de cerimônias religiosas, limitando-se a apoiar as cerimônias familiares dos associados, cujo objetivo é para se manter ou realizar convívios semanalmente, almoço, em

casa de cada membro, seguido de batuque de tambor para melhor se animar a *mandjuandadi*. Muitas das vezes procede nas feiras e locais de venda onde acontecem animação e entretenimento dando por enfatizar que a venda esteve no seu nível que deixa todas satisfeita.

Mas que geralmente cada membro do grupo semanalmente tem que preparar um prato de comida, *bedidas*, abaixo do preço estipulado a contribuir a cada membro e convidados que queira participar da confraternização. Algumas mulheres juntam duas pessoas ou mais pessoas e compram bebidas e etc. Quando todos pagam a quota cada semana. Com o fundo compra-se a roupa do grupo e empréstimos.

3.2.2 *Inventários culturais femininos*

As mulheres *bideras* de Bissau, entre a venda, casa e os filhos, vão criando meios possíveis a partir de inventários das várias culturas rurais e urbanas, dançando e brincando. As *mandjuandadis* e as *abotas* instauram relações sociais, diferentes das que são estabelecidas pelo parentesco, permitindo assim uma maior autonomia das mulheres em relação à família e aos homens, no âmbito das estratégias que desenvolvem para melhorar as suas condições de vida. Estas estratégias e atividades associativas, permitem que os indivíduos envolvidos, reforcem os diversos, papéis sociais que desempenham meio urbano, enquanto profissionais, vizinhos, membros de uma pertença étnica ou religiosa, dando alvará constituindo oportunidades para proceder a uma seleção de relações sociais, amigáveis ou **kamaradia**⁴, com larga potencialidade de alargar o campo social dos seus membros.

Das atividades sociais como forma de manter e fortalecer esses laços, sendo muito comum o convívio “almoço” ou “cumé-cumé”. De fato, este procedimento acontece na casa de um dos membros ou escolha de um espaço de lazer para este fim, mesmo sendo na esquina da casa, rua do bairro. Em conjunto de 10 (dez) ou mais indivíduos para comerem e festejarem em conjunto, na forma de integração social “*djunta cabeça*” dos participantes com aspectos mais regulares estes “cumé-cumé” são frequentes na vida associativa das *bideras*, ritualizando e reatualizando o consenso social do grupo.

⁴ Kamaradia: relação particular estabelecida com intuito vantajoso baseado na amizade.

Figura 5 - Semânticas de convivência entre natural, o cultural e o espiritual



Fonte: POS DI TERRA (www.facebook.com/profile.php?id=100019820947561). Acesso (16/07/2019).

A presença dos integrantes de um certo grupo é quase indispensável nas atividades, como nas reuniões e festejos. Caso não apareça um dos membros deve desculpar-se e justificar a falta. Esta gama de pertença e justa afiliação é notável ainda os membros dos grupos usarem vestuário “farda”, denotando a intenção de ser reconhecido e identificado como pertencente a um agrupamento. Neste âmbito o grupo com intuito de procurar, aumentar e cruzar diferentes redes de relações, através da pertença simultânea e cumulativa em seus diferentes aspectos de agrupamento. É comum participarem em cerimônias familiares, casamentos, funerais. Nestas estratégias, estas mulheres buscam pelos diversos mapas da vida sociável abertos em busca de “*lunia caminhu*” isto é, relações vantajosas. Por isso, grupos de *mandjuandadis* são instrumentais para a construção destas redes de suporte, e o apoio que está “*djunta-cabeça*” providenciam são essenciais para realização de diversas necessidades familiares dos seus membros e não só. E é o mesmo um dos fatores que motiva a adesão das mulheres a estas associações voluntárias em meios urbanos.

A vontade de prestígio e de poder não são as únicas motivações para participação das mulheres nestas associações. A sociabilidade, o divertimento e a interajuda são também argumentos ponderosos que levam as mulheres a agruparem-se. Os grupos de *mandjuandadis* permitem que as mulheres do sector informal, a esquema de proteção social e crédito, sobretudo com o dinheiro da *abota ter* (pagamentos de medicamentos em caso de doenças e imprevisto

no trabalho como acidentes, crédito para pagar despesas com vestuários e entre outros bens materiais e na educação do filho e para outro tipo de investimento).

Deste modo, o enfraquecimento das funções sociais de interajuda e solidariedade entre as famílias, potenciada pela pobreza generalizada, na esfera do apoio estatal a grande medida de acesso à qualidade de vida e a sustentabilidade, pode-se se afirmar em grande medida a responsabilidade incumbida a mulher *bidera*, são vantajosas no bom funcionamento da família e seu sustento para novas organizações sociais. Assim estas mulheres representam mecanismos essenciais de proteção social e formais e o entendimento do apoio em momentos de crise, no contexto da sociedade Bissau-guineense. E suas responsabilidades pelo bem-estar das famílias e o revelo função das associações e *mandjuandadis*.

Assim são de extrema importância as despesas com atividades recreativas e comemorativas, e relativamente importantes no orçamento das mulheres, e os recursos das **abotas** aparecem como necessários para equilibrar este quadro de horas e horas de trabalho árduo e mostra no processo de aquisição de prestígio e reputação “ronka balur de mindjer” isto é, com êxito acumulação de capital social, o dinheiro obtido nestes é reinvestido, em grande medida, na realização dos eventos sociais que permite com honra e desempenho, mostrar “o valor” procede em convidar e participar em convívios, prestar serviços a parentes e amigos, colegas, vizinhos, e usufruir dos benefícios, que assim considera e condiciona a maior integração, sobrevivência e o êxito socioeconômico na cidade.

Sendo assim é relevante o papel destas mulheres *bidera* no contexto sociocultural Bissau-Guineense, dentro deste processo associativo e estratégico femininas de individualização. Estas práticas de “*kamaradia*” dão oportunidade para estas mulheres constituírem redes de relações sociais dentro de espírito familiar e “*djunta cabeça*” permitindo privacidade e autonomia nas individualizações das estratégias femininas, de sobrevivência e promoção socioeconômica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida urbana em Bissau é marcada pela crise econômica e social vivida nos países em desenvolvimento e pelas recentes políticas liberalizadoras das economias africanas, impostas através dos denominados “Programas de Ajustamento Estrutural”, sob a tutela do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional. O desemprego dos homens no sector estatal, o principal empregador na Guiné-Bissau, transferiu a maioria das responsabilidades familiares para as mulheres que, simultaneamente, foram sobrecarregadas com a transferência para as famílias dos custos dos serviços sociais, antes integralmente suportados pelo Estado, nomeadamente os relativos aos cuidados de saúde e a educação.

Segundo Patrícia Gomes, sobre sector Informal na Guiné-Bissau, num estudo realizado em 2006, consta-se que 245.965 indivíduos são abrangidos pela pobreza extrema, dos quais, 51% são mulheres e 49% são homens. De fato, este estudo permitiu constatar que o rendimento econômico das mulheres *bideras* dos bairros populares de Bissau é, atualmente, quase consagrado ao bem-estar da família: comida, roupa, saúde e educação. Segundo o mesmo estudo, centros da cidade de Bissau conta com 9,3% da sua população em nível considerado de extrema pobreza em relação as zonas rurais muito mais alarmante a situação com 11,5% da população afetada.

Devido à crescente responsabilização econômica das mulheres, os “Programas de Ajustamento Estrutural” têm sido acusados de, não tendo considerado os papéis reprodutivo e produtivo das mulheres, de recolocarem os recursos em favor do gênero masculino e, deste modo resultarem na feminização da pobreza. Esta, por sua vez, seria responsável pela proliferação das mulheres que atuam no setor denominado de informal da economia. Não obstante, simultaneamente, o sector informal de Bissau revela como algumas mulheres souberam encontrar novas oportunidades de ascensão social e econômica, no quadro de crise que caracteriza a atual sociedade guineense.

Neste quadro, a participação das mulheres na economia urbana, se é realizada informalmente, não releva necessariamente de uma prática de marginalização econômica das mulheres, e os rendimentos obtidos são relevantes para os orçamentos familiares e a economia nacional. Segundo os dados do ILAP (Inquérito Ligeiro para Avaliação da Pobreza), nos estudos da Cátia Lopes sobre papel da mulher no desempenho na tradição familiar Bissau-Guineense, a percentagem de domicílios dirigidos por mulheres é de 23,1% e que a carência econômica é mais frequente nos domicílios dirigidos por homens, 66,1% do que os dirigidos por mulheres 56,1%” (Lopes, 2011, p.2)

Este estudo reforça o quadro dos recentes investimentos ideológicos que o setor informal tem sido de extrema importância nos países em via de desenvolvimento. Seu caráter não oficial é justa a contrair os modelos impostos sob os modelos fracassados ocidentais no sistema econômico de desenvolvimento. É bastante plausível este caráter informal pela sua diversidade, maleabilidade e a adaptabilidade e méritos conquistados na economia informal e sua garantia de crescimento econômico eficiente.

Vale destacar que no trabalho de campo me revelou outros fatores condicionantes para a realização das tarefas, dificuldade em encontrar tempos e espaços apropriados para realizar os diálogos mais longos. A maior parte das conversas desenrolaram-se na Universidade e interior das habitações das/o entrevistadas/o, onde consistiu numa espécie de Djumbai (conversação) numa longa série de perguntas sobre a vida pessoal, da família, do trabalho e da vida universitária, falando sobretudo em crioulo de ponto de vista necessário de modo a facilitar a comunicação direta, que permitiu melhor o entendimento e a recolher das informações. Em alguns momentos pude sentir a indiscrição das minhas questões e a pervasividade da minha curiosidade. Apreciei verdadeiramente a curiosidade das minhas interlocutoras sobre suas próprias vidas e sobre a minha vida, que geraram momentos embaraçosos e inevitáveis de responder e fazer perguntas igualmente sobre a “verdade”, que se apreciava na franqueza e sinceridade. Esta é um sinal da reciprocidade que se construiu entre ser, querer, sentir e buscar que atravessou a pesquisa.

Na busca dos objetivos, uma atitude equilibrada, a luz do caminho preconizado a improvisação, nervosismo, o acaso, foram elementos recorrentes no decorrer do processo de investigação. Na escrita do texto procurei respeitar o rigor científico, mas fiz questão de sempre que possível, de produzir uma escrita fácil de leitura, como as passagens em crioulo, e as fotografias que registram as belezas, como textos, teses, artigos e fontes consultados que falam desta qualidade das mulheres guineenses, e da nossa terra e virtudes da sua população.

Estes procedimentos e forma heterogêneas, táticas maleáveis e fluidas são justificativas para com crença nas suas práticas enquanto *bideras* e filhos/as. As atividades econômicas desempenhadas em variadas áreas de rendimento econômico são desenvolvidas num quadro social dinâmico de mudança, caracterizado pela coexistência de constrangimento, e na adaptabilidade de antigos e reinvenção de novos modelos de oportunidade, que se manifestam nas estratégias individuais como coletivas “**pui na um som**”⁵, assim podendo fazer

⁵ Fazer as coisas em conjunto.

recursos com intuito de alcançar os objetivos projetos, num quadro de referências e valores, por vezes contraditórias.

Esta conclusão tanto este estudo como um todo testemunha estas práticas, além de serem especificamente femininas, o quanto é visível as modalidades pelas quais estas mulheres entram neste circuito informal econômico, na forma de realizarem poupança e rendimento ou na forma como organizam as suas atividades domésticas, comerciais, familiares e sociais. Como também obedecem ao acúmulo e ganho de capital monetário e capital social, utilizando lógicas econômicas e sociais com fins a atingir seus objetivos. Esta interdependência das esferas econômica e social está continuamente presente, do início do negócio à sua gestão, e no modo como são usados os ganhos obtidos. Nomeadamente, as obrigações sociais (gastos com kamaradia e festividades) obrigam a despesas consideráveis (limitando a acumulação de capital monetário), ao mesmo tempo, que permitem a obtenção de capital social que, por sua vez, é uma fonte de recursos para a obtenção de dinheiro, trabalho e oportunidades de negócio.

De fato, o caso das estratégias econômicas e sociais das mulheres comerciantes em Bissau, ilustra de modo significativo esta afirmação, uma vez que as práticas sociais ditas neste, sejam econômicas, individuais e associativas, distinguem-se exatamente por serem originais, isto é, não conformes aos modelos culturais precedentes, mas construídas a partir de elementos de diversos sistemas culturais possíveis, e ainda pela sua diversidade e fluidez.

Particularmente, as mulheres souberam elaborar estratégias que são constitutivas e construtivas de uma verdadeira **cultura do informal**, que pode ser definida como uma **cultura alternativa**, que é sempre inovadora e baseada em iniciativas individuais e coletivas, feitas de bricolagens e improvisações, de estratégias e objetivos maleáveis. São estas características que sustentam a eficiência desta cultura do informal, reveladora da combatividade das mulheres e da sua capacidade para utilizar os meios disponíveis para reforçar a sua autonomia.

As atividades comerciais das mulheres *bideras* realizadas em contexto urbano têm tendência para reforçar a individualização da gestão dos rendimentos pessoais, e esta independência econômica permite-lhes contornar, em seu proveito, certas regras sociais. De qualquer modo, as mulheres dão na esperança de que é possível confirmar esperança de que possa existir na África e na Guiné-Bissau, um desenvolvimento alternativo ao que até agora aparenta ter fracassado em partes.

REFERÊNCIAS

- AUGEL, Maria Parente. **O Desafio do Escombros**. Nação, Identidades e Pós-colonialismo Na Literatura Da Guiné-Bissau, 2007.
- BALDÉ, Mamadu. **Mulheres africanas na Unilab: registro de uma experiência em processo**. São Francisco do Conde/BA, Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2017.
- BARROS, Miguel. **Economia Informal e Estratégias Juvenis em Contexto de Contingência**, In, CISA-UE, Évora, PORTUGAL, 2012 Disponível em: <http://www.cisaas.uevora.pt/download/EncontrosEmpreendedorismo/Artigo%20de%20Miguel%20de%20Barros.pdf>; BAKARÉ, Bibi. Além do Determinismo: A Fenomenologia da Existência Feminina Africana. p. 4, 2004.
- BIALOBORSKA, Magdalena. **Dinamicas e Constrangimentos nos Processos de Organização dos Trabalhadores Informais** na Guiné-Bissau, 2003.
- BERGER, Peter & LUCKMAN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**: Tratado de Sociologia do Conhecimento. P 35, 2014.
- DOMINGUES B. Maria. **Estratégias entre as Bideras de Bissau**.p.175, 2000.
- DJALO, Tchernó. **O Mestiço e o Poder**. Identidades, Dominações e Resistência Na GuinéBissau, novembro,2012.
- GOMES, Patrícia. **As Mulheres Do Sector Informal**. Experiências da Guiné-Bissau, 2006.
- LOPES, Catia. **Papel das mulheres na Guiné-Bissau**. p 23 .2011.
- _____. **O papel da Mulher no Microcrédito na Guiné Bissau**: Estudo de Caso em Pitche e em Pirada, 2011.
- MENDES, Hipolito. **Mindjeris Di Guiné-Bissau Tené Balur**. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Humanidades. São Francisco do Conde. 2016.
- MENDES, Livonildo. **Origem da Língua Crioula Falada na Guiné-Bissau e em Cabo Verde**.Janeiro,2016.Disponível em:<https://cienciapoliticagb.blogspot.com/2016/01/origem-da-lingua-crioula-falada-na.html>
- PHILIP. J. HAVIK. **Relações de Género e Comércio**: Estratégias Inovadoras de Mulheres Comerciantes na Guine-Bissau Article · January 1995, New University of Lisbon
- PHILIP.J. Havik. **A DINÂMICA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E PARENTESCO NUM CONTEXTO COMERCIAL**: Um Balanço Comparativo Da Produção Histórica Sobre a Região Da Guiné-Bissau Séc. XVII E XIX. Afro-Ásia, número 027, Universidade Federal da Bahia, Bahía, Brasil, pp. 79-120.

SILVA, Henrique & SANTOS, Mario. **Da Guiné Portuguesa á Guiné-Bissau**. Um Roteiro. Fronteira dos caos, Porto; Editores lda. 1 edição, março, 2014.

SEMEDO, Maria Odete. **As Mandjuandadi- Cantigas De Mulher Na GUINÉ-BISSAU: Da Tradição Oral à Literatura**. Belo Horizonte, 2010.

SORJ, Billa. **Sociologia e Trabalho: Mutações, Encontro e Desenvolvimento**. Vol 15. N 43 junho/2000.

PINTO, Paula. **Tradição e Modernidade na Guiné-Bissau**. Uma Perspectiva do Subdesenvolvimento. outubro, 2009.

GLOSSÁRIO

A

ABOTA: Distribuição cíclica de receitas

ALGUIN GARANDI: Mais velho

B

BECU: Espaço físico onde se vende

BADJUDA: Moça

BIDA: Vida

BUSCA BIDA: Praticar comercia/ buscar algo

BALUR DI MINDJER: Valor da mulher

C

CANDERO DI BECU: Lâmpadas de querosene

CORDA PARMANHA: Acordar de manhã

CURA MISTIDA: Resolver necessidades

CUMÉ-CUMÉ: Almoço/convívio

D

DJUMBAI: Convívio onde participam homens e mulheres de todas as idades e onde têm lugar relatos, canções, comentários.

DJUNTA CABEÇA: Rede de suporte

DJAGATU: Jiló

DUNU DI MORANSA: Chefe de família

DJILAS: Vendedor ambulante

F

FIDJU DI BIDERA: Filho/a de vendedora

FACI BIDA: Atuar/buscar

FERA: Mercado

FUKA: Roupa usada

K

KULKADURIS: Vendedora ambulante

KAMARADIA: Relação particular estabelecida
com intuito vantajoso baseado na amizade

KE MAS CUNA MANDA: O que se tem em alta

L

LUMU: feira periódica

LUMIA CAMINHU: Relações vantajosas

M

MORANSA: Morada familiar

MUNDU RABIDA: Revirada do mundo/ volta do mundo

MIDJU IASSADU: Milho assado

MANGU: Manga

MINDJERIS BIDERAS: Mulheres vendedoras

MANDJUANDADI: Irmandade; classe de idade irmandade; classe de idade multifuncional
com fins cerimoniais

MINDJER: Mulher

MANCARRA: Amendoim

O

ORA DI DJANTA: Hora de almoço

P

PUI NA UM SOM: Juntar para alcançar objetivos

R

RONKA CURPU: Autoestima/ demonstrar o valor que se tem de valor

RABATA-RABATA ASSUMBULELÉ: Preço baixo

T

TABANKERO: Atrasado/ vilão

IAGU SIBIBU: Subida do nível do mar